



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**VERA LÚCIA LOZANO**

**EDUCAÇÃO NÃO – FORMAL E ENVELHECIMENTO: O PAPEL DE  
INSTITUIÇÕES (PÚBLICA E PRIVADA) NA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA  
E DA AUTONOMIA NA TERCEIRA IDADE.**

**CAMPINAS – SP**  
**2007**

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

580120800c

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**VERA LÚCIA LOZANO**

**EDUCAÇÃO NÃO – FORMAL E ENVELHECIMENTO: O PAPEL DE  
INSTITUIÇÕES (PÚBLICA E PRIVADA) NA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA  
E DA AUTONOMIA NA TERCEIRA IDADE.**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Pedagogia da  
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a  
orientação da Profa. Dra. Olga Rodrigues  
de Moraes von Simson.

**CAMPINAS – SP  
2007**

Banca Examinadora:

© by Vera Lúcia Lozano, 2007.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
TCC(UNICAMP)	
L959e	
V:.....	EX
TOMBO:.....	3467
PROC.:.....	129/08
C:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	01/03/08
	426977

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L959e Lozano, Vera Lúcia.  
Educação não-formal e envelhecimento : o papel de instituições (pública e privada) na promoção da qualidade de vida e da autonomia na terceira idade / Vera Lúcia Lozano. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação não-formal. 2. Envelhecimento. 3. Autonomia. 4. Autogestão.  
5. Qualidade de vida. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-632-BFE

Dedico este trabalho a todos os idosos que buscam alternativas para viver a vida com mais qualidade, visualizando-a num constante processo de construção.

*"A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca". (FREIRE, 1996)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Flávio, meu marido, pelo carinho, apoio e compreensão, presentes em todos os momentos do nosso convívio, e ao longo da elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, Maria e Evaristo, pelo incentivo aos estudos, e por me estimularem a buscar argumentos para mostrar-lhes que é possível viver de maneira mais feliz.

Aos meus sogros, Antônio e Romilda, por me mostrar que o processo de envelhecimento pode e deve ser encarado como uma etapa em que é possível viver com mais qualidade, e encantamento pela vida.

A Profa. Olga, por sua orientação precisa e segura, fatores indispensáveis na elaboração deste trabalho.

Ao Programa Saúde Toda Vida e ao Programa de Atendimento ao Idoso, pela oportunidade de conhecer suas propostas de trabalho, que muito contribuíram no processo de reflexão e redação do meu tema de pesquisa.

A todos os idosos com os quais convivi nesses programas, pelos seus exemplos de vida, os quais me possibilitaram ressignificar o olhar acerca do processo de envelhecimento e da própria existência.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, compreender o processo de constituição da velhice no Brasil, verificando o papel de duas instituições (uma pública e outra privada) na promoção da qualidade de vida e da autonomia na terceira idade. Uma delas é o Programa de Atendimento ao Idoso, localizada na cidade de Valinhos, efetivamente criado em 1983, a partir da reivindicação de alguns idosos do município. O programa tem como objetivo, oferecer espaços de convivência, através de atividades que contribuam com a qualidade de vida e a possibilidade de um processo de envelhecimento saudável.

A outra instituição é o Programa Saúde Toda Vida, que surgiu em abril de 1999, e é uma iniciativa da Unimed Campinas. Focalizado na promoção de saúde e qualidade de vida, o programa desenvolve atividades de prevenção de doenças, socialização e integração social realizadas através de encontros semanais.

Comparando as atividades desenvolvidas por ambas as iniciativas, tentei entender como elas promovem uma maior autonomia, participação política e autogestão das atividades, nos idosos que delas participam.

Palavras-chave: educação não-formal, envelhecimento, autonomia, autogestão, qualidade de vida.

## Índice

<b>Introdução</b>	<b>01</b>
<b>Caracterização do processo de envelhecimento</b>	<b>05</b>
Aspectos biológicos	06
Aspectos psicológicos	09
Aspectos sociológicos	10
<b>O papel dos grupos de convivência na promoção da qualidade de vida</b>	<b>15</b>
A atividade física como fator de prevenção de doenças do envelhecimento	22
Saúde física e saúde emocional	26
Inclusão social	30
Prevenção ao isolamento social e ao asilamento	35
A participação dos idosos na elaboração das atividades desenvolvidas nos dois programas pesquisados	39
Autogestão	41
<b>Educação Não-Formal</b>	<b>43</b>
<b>Voluntariado e Educação Não-Formal</b>	<b>53</b>
<b>Histórico e descrição das instituições pesquisadas</b>	<b>60</b>
<b>Portraits dos entrevistados em ambas as instituições pesquisadas</b>	<b>70</b>
<b>Quem são os educadores dos idosos</b>	<b>77</b>
<b>O grupo de convivência sob a ótica dos participantes:</b>	<b>88</b>
a conquista de um envelhecimento saudável e socialmente significativo	
<b>Conclusão</b>	<b>93</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>97</b>

Anexo (entrevistas em cd)

## **Introdução**

A nova imagem do envelhecimento, abordada ao longo de uma palestra de Jaime Lisandro Pacheco em 2004, na disciplina de Educação Não-Formal, ministrada pela professora Olga von Simson, colocando inclusive a necessidade do desenvolvimento de propostas e ações que favoreçam a qualidade de vida nesta etapa da vida, levou-me a pesquisar duas instituições que buscam promover o bem-estar físico, psicológico e social dos sujeitos no processo de envelhecimento.

Uma delas é o Centro Municipal de Convivência do Idoso, localizada na cidade de Valinhos à rua Antônio Carlos, 474, Centro. Neste espaço de convivência, acontece o Programa de Atendimento ao Idoso, e a idéia inicial deste programa, surgiu em 1982, quando acontecia no município de Valinhos uma semana de palestras relacionadas à saúde, e também à possibilidade de um envelhecimento saudável. A partir daí, um grupo de senhoras (na faixa de 50 anos de idade) presentes às palestras começaram a reivindicar atividades para a faixa etária delas. Efetivamente criado em 1983, tem como objetivo, oferecer espaços de convivência, através de atividades que contribuam com a qualidade de vida e a possibilidade de um processo de envelhecimento saudável.

A outra instituição, é o Programa Saúde Toda Vida, que realiza suas atividades no Clube de Cultura Artística localizado à Rua Irmã Serafina, Centro, Campinas.

O programa surgiu em abril de 1999, e é uma iniciativa da Unimed Campinas. O objetivo do programa é promover a qualidade de vida do idoso, resgatando a cidadania e evitando a exclusão social, contribuindo para que este se sinta parte integrante da sociedade. Focalizado na promoção de saúde e qualidade de vida, o programa

desenvolve atividades de prevenção de doenças, socialização e integração social realizadas através de encontros semanais.

Partindo desses pressupostos, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo, tentar compreender o processo de constituição da velhice no Brasil, verificando o papel destas duas instituições na promoção da qualidade de vida e da autonomia na terceira idade na região de Campinas, uma das mais desenvolvidas do nosso país.

A metodologia utilizada nesta pesquisa baseia-se na observação participante registrada em diário de campo, na coleta de depoimentos de idosos, de educadores e coordenadores, e na análise dos registros imagéticos das atividades realizadas.

Os dados colhidos oralmente serão cruzados com as informações que as imagens devidamente analisadas nos fornecem. Ambas as instituições serão comparadas quanto ao trabalho que realizam junto aos idosos, procurando-se entender quais as motivações, não verbalizadas, que levam uma cooperativa de serviços médicos e um órgão público a se preocuparem com a qualidade de vida da população na terceira idade.

Comparando ambas as iniciativas tentarei entender como elas promovem uma maior autonomia dos idosos, incentivam sua participação política e seu envolvimento na autogestão das atividades, realizadas nesses espaços.

Para realizar esse processo, entrei em contato com a coordenação dos programas e solicitei autorização, para assistir às atividades desenvolvidas por ambos os programas.

Após esse primeiro contato, e tendo sido aceita e bem recebida pelas duas instituições, comecei a freqüentar os espaços de convivência.

As entrevistas com os idosos, com os educadores e coordenadores dos programas, suas fotos e das atividades desenvolvidas, foram realizadas através da autorização dos mesmos e da instituição.

O roteiro das entrevistas possibilitou saber de cada entrevistado (no caso os idosos participantes de ambos os programas) questões relacionadas ao motivo pelo qual começaram a participar do programa e como ficaram sabendo da existência do mesmo, qual atividade mais apreciavam, as mudanças percebidas na vida após terem começado a freqüentar tal espaço de convivência, etc.

A história oral foi a metodologia de pesquisa utilizada na realização, organização e análise das entrevistas. Para SIMSON e GIGLIO (2001), o principal objetivo da história oral é, com o auxílio de informantes, construir versões sobre o passado que a memória deles permita elaborar; completando as informações com dados obtidos por meio de outros suportes empíricos (escritos ou imagéticos), tem-se condições de analisá-los, elaborando-se assim uma outra versão, que supostamente é mais próxima da realidade. Segundo as autoras, um domínio em que os mais velhos podem, de fato, destacar-se, graças ao acúmulo de informações e experiências é o de narrar, interpretar o passado, bem como analisar o presente à luz da experiência progressa.

Após a transcrição dos relatos contidos nas entrevistas, iniciei o fichamento temático. A partir daí foram levantados os assuntos a serem abordados de acordo ao problema da pesquisa, e a análise deste processo se deu em consonância com a bibliografia levantada a respeito do tema.

Os registros em diário de campo sobre as atividades desenvolvidas, e o registro imagético (fotografias) destas, dos espaços de convivência e seus participantes, também foram instrumentos valiosos para a interpretação de dados, importantes na

reconstrução da realidade social. O trabalho com a intertextualidade, conjuga dados vindos da oralidade e da visualidade.

Para devolver os resultados da pesquisa às instituições pesquisadas, pretendo conversar pessoalmente com os coordenadores, educadores e demais entrevistados, mostrando comparativamente a atuação dos dois programas.

## **Caracterização do Processo de Envelhecimento**

Atualmente, o aumento da população idosa, tem incentivado a produção de novas formas de análises e estudos relacionados à questão do envelhecimento. Este processo ou fase da vida é um fenômeno natural e inerente ao desenvolvimento humano, porém com características históricas, sociais e culturais diferentes, conforme a época considerada.

Perante esta nova realidade, surge também a necessidade de pensar, desenvolver propostas e ações que possam dar conta de atender às necessidades desse segmento. Dessa forma, ganham maior significado as pesquisas e estudos que abordam questões biológicas, psicológicas e sociais sobre a velhice e o envelhecimento.

Segundo PACHECO (2005), a velhice é a manifestação dos eventos ocorridos ao longo de um período da vida, e eles acontecem no tempo e não por causa do tempo. Como o tempo não é a linha comum que mede o ritmo do envelhecimento, as pessoas envelhecem de formas diferentes. Dessa forma, segundo o autor, não temos uma velhice funcionalmente definida; o que existe é apenas um constructo teórico, no qual algumas questões básicas interpõem-se na linha do tempo. Nesta linha, continua PACHECO, inserem-se os conhecimentos biológicos, sociológicos e psicológicos que interagem na busca da compreensão da velhice e do envelhecimento.

Para SALGADO (1980), em função das rápidas mudanças socioculturais e econômicas que constituem importante característica deste final de século, o idoso está tentando se localizar nessa realidade, buscando identificar um espaço social mais definido; mas o que ocorre com maior frequência é uma situação de exclusão, de

abandono e de reclusão, que gera o envelhecimento social e a morte social, o que acelera e torna muito doloroso o envelhecer dos indivíduos.

A idéia de que a infância e a adolescência são fases da vida em que só há ganhos e que a velhice é um tempo de perdas, passa a ser substituída pelo que atualmente a teoria abrangente do desenvolvimento argumenta, BORGES (2003), afirma que tal teoria preconiza que não há predominância de ganhos ou perdas em nenhuma fase da vida humana, e redefine o conceito de desenvolvimento, inserindo a idéia de que qualquer mudança na capacidade adaptativa do organismo é considerada como processo de desenvolvimento, sejam estas positivas ou negativas. Nesse sentido, segundo a autora, a visão de desenvolvimento passa a ser considerada como um constante equilíbrio entre perdas e ganhos, podendo-se assinalar que esse equilíbrio tem proporções variadas nas diferentes fases da vida.

Analisar e estudar a velhice, apenas sob um aspecto é impossível, mas é preciso entendê-la, segundo BORGES (2003), como o resultado de um conjunto de fatores dinâmicos, em constante movimento, em permanente mudança, que só é possível ser visto dentro de um contexto histórico e cultural, dependendo ainda de fatores psicológicos, genéticos, emocionais e sociais.

### Aspectos Biológicos

Para NERI (2005), definido em termos biológicos, o envelhecimento compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência. Segundo a autora, tais processos são de natureza interacional, pois se iniciam em diferentes

épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diversas partes e funções do organismo. Assim sendo, há um limite para a longevidade, o qual é estabelecido por um programa genético que permitiria ao organismo uma determinada quantidade de mutações. Ao esgotar esse limite, o ser humano deixa de existir.

Atualmente há uma grande quantidade de conhecimentos que se propõem a entender os fenômenos biológicos relacionados ao processo de envelhecimento. CENDES (2001) coloca que talvez um dos mais interessantes avanços recentes no estudo dos processos biológicos que levam ao envelhecer tenha sido a identificação, em modelos animais e no homem, de genes que podem acelerar ou retardar o envelhecimento.

Segundo a autora, a evolução ocorrida nos últimos anos na genética molecular, trazida principalmente pelo projeto Genoma Humano, favoreceu o esclarecimento das propostas de vários modelos de mecanismos biológicos possivelmente envolvidos nos processos do envelhecimento. No nível celular, os processos degenerativos que caracterizam o envelhecimento, começam a partir do momento em que a célula perde a capacidade de dividir-se ou reproduzir-se.

O envelhecimento biológico ou senescência é, segundo NERI (2005), o processo que preside ou determina o potencial de cada indivíduo para permanecer vivo, o qual diminui com o passar dos anos. Para a autora o grau de conservação do nível da capacidade adaptativa, em comparação com a idade cronológica, é tecnicamente referido como idade funcional. O conceito de idade funcional tem estreita relação com o de envelhecimento biológico e é definido em termos do grau de conservação do nível da capacidade adaptativa, em comparação com a idade cronológica. Os critérios para medir a idade funcional na velhice mais usados são bioquímicos, sensoriais,

antropométricos, verbais, motores, de personalidade, de estilo de vida e cognitivos. Um grande desafio para a pesquisa gerontológica reside em esclarecer como esses vários indicadores podem se integrar.

PACHECO (2005) coloca que o envelhecimento humano é o resultado de dois processos, operacionalmente divididos em primário e secundário. O processo primário refere-se ao que é intrínseco ao organismo e determinado por influências inerentes ao desenvolvimento biológico e à herança genética. O secundário refere-se ao aparecimento de defeitos e incapacidades causados por fatores hostis ao ambiente e afetando de forma diferenciada as mudanças fisiológicas, anatômicas, hormonais e bioquímicas do organismo.

Conforme BORGES (2003), o processo de envelhecimento é caracterizado por várias e profundas modificações nas funções orgânicas que ocorrem no transcorrer da vida. A abordagem biológica do envelhecimento deu-se inicialmente, a partir do ponto de vista fisiológico e, mais tarde, bioquímico e genético, buscando padrões de hereditariedade e longevidade. Porém, segundo a autora, a Gerontologia ampliou suas preocupações para além das doenças relacionadas ao envelhecimento, investindo também no estudo das alterações progressivas não patológicas, biológicas e fisiológicas e de suas influências no status funcional. Tem como objetivo principal o alcance de um envelhecimento bem sucedido, significando muito mais do que simplesmente evitar ou atrasar doenças, mas o engajamento pleno na vida, por meio da manutenção e intensificação das funções físicas e cognitivas, incluindo atividades produtivas e relações interpessoais. Somente diante dessa visão integradora, é possível a compreensão do processo de envelhecimento.

## Aspectos Psicológicos

A velhice que até pouco tempo era debatida apenas sob a ótica dos seus aspectos biológicos, ganha um novo significado no cenário atual das teorias e pesquisas relacionadas à Psicologia do Envelhecimento. Tais estudos possibilitam uma nova visão sobre o processo de desenvolvimento humano e sobre a velhice.

Segundo NERI (2005) o conceito de idade psicológica pode ser usado em dois sentidos. Um é análogo ao significado de idade biológica e refere-se à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, tais como o potencial de funcionamento futuro do indivíduo. Esse uso do conceito aproxima-se do conceito de senescência ou envelhecimento normal. Quanto ao segundo uso do conceito de idade psicológica, a autora menciona que este se relaciona com o senso subjetivo de idade. Tal conceito depende de como cada indivíduo avalia a presença de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento em comparação com outras pessoas de sua idade.

O fato de algumas pessoas, em processo inicial de envelhecimento encontrarem-se muitas vezes em conflito com esta etapa de sua vida, seja dificuldades de auto-aceitação, a necessidade de preservar a imagem social e a auto-estima, levam esses indivíduos a apresentar uma idade psicológica menor do que a idade cronológica. Nesse caso, tal fase é vista como um estado de espírito, independente da idade cronológica e de outros atributos da velhice.

Segundo NERI (2005), dados da literatura internacional têm mostrado que os idosos possuem uma perspectiva mais positiva em relação à velhice do que a que os adultos têm dos idosos. O senso de idade psicológica tem estreita relação com as

mudanças em perspectiva temporal que afeta os mais velhos. A partir de meados da quarta década de vida, as pessoas passam a pensar suas vidas em termos de anos que ainda têm para viver, em vez de pensar em termos dos anos vividos. Há um aumento na tendência de avaliar a vida retrospectivamente.

Para BORGES (2003), a perspectiva de curso de vida é típica da Psicologia do envelhecimento, apoiada nas tradições contextualista e dialética, abandonando as concepções unidirecionais e acumulativas das teorias de estágios, vislumbrando a velhice como uma experiência heterogênea, determinada por interações, composta por perdas, mas também por ganhos. Na década de 60, psicólogos que se propuseram a estudar a vida adulta e a velhice, mostraram que nem o crescimento, nem a decadência são processos unilineares, ou seja, que crescer e declinar não são processos mutuamente excludentes e que os seres humanos não se desenvolvem, chegam ao apogeu e perdem todas as capacidades e competências ao mesmo tempo, nem da mesma forma.

Segundo a autora, na visão de Baltes (1987), o desenvolvimento se estende por toda a vida, envolvendo processos de mudança em interação dialética. Fatores biológicos e ambientais permitem, garantem e incentivam a qualidade de vida na velhice e esses fatores combinados determinam os processos de desenvolvimento e de envelhecimento, diferentes para cada pessoa.

### Aspectos Sociológicos

Para entendermos essa questão dos aspectos sociológicos dentro do processo de envelhecimento é preciso considerarmos a questão do tempo presente em todas as

sociedades. Segundo LOURO (2000), o tempo é uma relação que supõe uma construção social que se transforma historicamente e que é aprendida pelos sujeitos. Seu controle e medição estão estreitamente ligados ao poder social. As noções que temos de tempo são criações que se transformam, que se ajustam a necessidades e interesses mutantes, que servem a alguns e não a outros, que implicam relações de poder. Adquirir essas noções e empregá-las de forma socialmente “adequadas” supõe uma aprendizagem a que todos os sujeitos devem ser submetidos. Essas noções não só divergem historicamente, mas também culturalmente e no interior de uma mesma sociedade: elas são plurais e múltiplas; são atravessadas pelas divisões sociais.

Nesse contexto, quem definirá sob que ótica a questão do envelhecimento será tratada, serão as circunstâncias econômicas, sociais e culturais presentes no tempo histórico de uma sociedade.

NERI (2005) coloca que o tempo é dividido em unidades socialmente relevantes em todas as sociedades, dentro das quais devem emergir papéis e comportamentos apropriados, que funcionam como indicadores da idade social do indivíduo. O envelhecimento social é o processo de mudanças em papéis e comportamentos que é típico dos anos mais tardios da vida adulta e diz respeito à adequação dos papéis e dos comportamentos dos adultos mais velhos ao que é normalmente esperado para as pessoas nessa faixa etária.

As ocorrências no mundo do trabalho podem ser utilizadas para exemplificar esse conceito de envelhecimento social. Segundo a autora, as atitudes em relação aos idosos e a idade para considerá-los velhos no trabalho variam em diferentes organizações e contextos históricos e sociais. Atualmente a maioria das pessoas acredita que a velhice começa aos 60 ou 65 anos, por serem essas as idades - limite

para a aposentadoria. Porém, mesmo antes desse momento, os adultos podem sofrer discriminações no trabalho, com base no argumento de que o envelhecimento acarreta decadência intelectual e física. De modo geral, no âmbito do trabalho, os adultos têm cada vez menos oportunidades para treinamento, e assim, de obtenção de emprego. Muitos têm que trabalhar em ambientes físicos que não são apropriados às suas características. Portanto sua obsolescência para o trabalho e para a vida social é mais provocada por eventos ambientais do que propriamente pelos biológicos.

Para PACHECO (2005), no campo social, o envelhecimento se dá por meio das mudanças produzidas no ser humano ao longo das idades e está relacionado às normas, crenças, estereótipos, papéis, eventos sociais que regem a vida do indivíduo, segundo grupos socioculturais de uma determinada sociedade, o que varia de acordo com a cultura.

O autor faz menção aos estudos transculturais sobre o envelhecimento sistematizado por Simmons que propõe uma série de critérios para a comparação da velhice em diferentes sociedades primitivas que traz esclarecimentos sobre suas especificidades, na sociedade atual. Segundo PACHECO, Simmons discute o papel dos velhos nas sociedades primitivas, os quais eram valorizados em função de sua utilidade, do controle que exerciam sobre os recursos econômicos, políticos, religiosos e sua capacidade de transmiti-los, estando diretamente relacionados com as possibilidades de sobrevivência, de moradia e com o direito à propriedade.

A primeira tentativa de explicar o processo de envelhecimento social e as relações entre o ser humano e a sociedade moderna só ocorreu em 1961, com trabalhos de Cummings e Henry, que deram origem à teoria do desengajamento ignorando partes dos estudos etnográficos. Tal teoria postula que o afastamento do

velho da sociedade possibilita a abertura de espaços para os mais jovens, os mais produtivos e os mais eficientes, concedendo ao idoso um maior tempo para preparar-se para a finalização do seu ciclo de vida. Nessa perspectiva o afastamento do idoso da sociedade é um processo natural e espontâneo como algo inerente ao envelhecimento; o desengajamento é colocado como pré-requisito funcional para a estabilidade social e para que o sistema se mantenha equilibrado é preciso incentivar o afastamento de seus idosos.

Uma outra teoria social do envelhecimento mencionada por PACHECO é a teoria da modernização apresentada por Cowgill e Holmes, em 1972. Tais autores buscaram explicar a dinâmica do envelhecimento relacionando-o às influências das sociedades industrializadas do mundo capitalista ocidental.

Segundo esses autores, a tecnologia aplicada à produção, a acelerada urbanização, a educação intensiva e a tecnologia de saúde são fatores que interferem na organização da vida dos idosos.

Quanto à tecnologia, esta faz com que sejam criados espaços urbanos de produção, nos quais os jovens são absorvidos e os mais velhos tornam-se rapidamente obsoletos, ou seja, seus conhecimentos são desvalorizados. A urbanização segrega gerações, deteriora os laços familiares e contribui para a redução da importância dos mais velhos. Já a educação obrigatória, capacita os mais jovens proporcionando-lhes maior escolaridade, estando estes mais aptos aos melhores postos de trabalho; e, a tecnologia da saúde acrescenta anos à expectativa de vida, gerando uma competição geracional pelo mercado de trabalho, no qual os idosos são colocados em cargos de menores renda e prestígio.

Conforme PACHECO, apesar de toda a crítica que receberam e continuam recebendo e do desenvolvimento de outras teorias sociais, estas teorias explicam o pensamento de parte da sociedade com relação aos velhos; esta o vê como um estorvo quando estes “teimam” e tentam manter sua competência nas habilidades profissionais, criadas a partir do desenvolvimento das sociedades industrializadas.

BORGES (2003), define a velhice como uma categorização determinada socialmente, que varia de cultura para cultura, dependendo do contexto em que está inserida. Isso significa que a velhice é uma construção social, que ressalta a divisão social dos estágios da vida, baseada nos mecanismos e regras que regulam o curso da vida. Na sociedade ocidental, a cronologização é um importante fator de organização social, sendo o definidor de muitas das instituições vigentes, como a escola, a aposentadoria, e muitos outros sistemas públicos, que determinam a organização da sociedade.

## O papel dos Grupos de Convivência na promoção da qualidade de vida e da autonomia na terceira idade

Para entendermos o papel dos grupos de convivência na promoção da qualidade de vida e da autonomia na terceira idade, é preciso identificar se estes grupos realmente estão presentes em um espaço de transformação. É necessário tentar apreenderos valores e sentimentos dos grupos observados, e nos livrarmos das idéias pré construídas acerca do processo de envelhecimento e da constituição da velhice nos diferentes espaços e tempos.

“Olha, eu realizo, dança ginástica localizada, alongamento e agora vou participar também, já participei, mas vou tornar a participar do programa de... de hipertensão, a gente começa na segunda feira que vem. Olha, eu gosto de tudo, gosto de estar aqui, gosto dos amigos, é muito bom. Qualquer uma delas (referindo-se às atividades) são muito boas pra mim, todas são muito boas, faço com prazer”. (Trecho de entrevista realizada com a senhora Idelina, 76 anos, do Programa Saúde Toda Vida promovido pela Unimed).

Ao procurar fazer o exercício do antropólogo, ou seja, deixar meu grupo social para viver entre os sujeitos dos espaços de convivência de idosos que pesquisei, ao pretender tornar-me familiar nesses espaços que para mim eram completamente estranhos, senti necessidade de utilizar a “metodologia do despojamento e da inserção”, ou seja, a observação participante. “Trata-se de uma forma de observação que deve ser feita de modo tão completo quanto possível e cuidadosamente registrada no “caderno de campo”, outro instrumento indispensável ao trabalho de investigação etnográfica”. (BARBOSA, 1999)

Ao observar o trabalho realizado pelo Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, por exemplo, pude perceber que este tem um caráter de socialização, de inclusão, de solidariedade; visa o desenvolvimento, a participação e preocupa-se com a mudança social, procurando atender as necessidades dos idosos.

Da mesma forma, o Programa Saúde Toda Vida, iniciativa da Unimed Campinas, busca promover o bem estar de pessoas com mais de 55 anos, clientes ou não da Cooperativa. Objetiva também, a partir de suas atividades, contribuir na promoção da saúde e da qualidade de vida, fazendo com que o idoso se sinta parte integrante da sociedade.

Através das referidas iniciativas podemos observar que tem aumentado a consciência de que é importante identificar e promover condições que permitam envelhecer com qualidade. NERI (2001) coloca que é importante compreender que em qualquer momento do ciclo vital e em qualquer sociedade, qualidade de vida é um fenômeno de várias faces e, assim, é mais bem descrito por intermédio de um construto multidimensional. Segundo a autora, há três elementos centrais nessa definição. O primeiro é que a qualidade de vida na velhice depende de muitos elementos em interação. O segundo é que a qualidade de vida na velhice é produto de uma história interacional, ou seja, vai se delineando à medida que indivíduos e sociedade se desenvolvem. O terceiro elemento a ser destacado é que a avaliação da qualidade de vida envolve comparação com critérios objetivos e subjetivos, associados a normas e a valores sociais e individuais, igualmente sujeitos a alterações no decorrer do tempo.

Em se tratando das condições objetivas, estas podem ser verificadas por observadores externos, mediante parâmetros conhecidos e replicáveis. Podemos exemplificar tais condições, utilizando as competências comportamentais do indivíduo; as condições físicas do ambiente; a disponibilidade de serviços de saúde, lazer e educação; o nível de renda, etc.

Já as subjetivas, são verificadas baseadas em relatos dos indivíduos e nas opiniões presentes no grupo sobre as condições objetivas de que dispõem, sobre o

grau em que lhes parecem satisfatórias e sobre seus efeitos no bem-estar individual e coletivo, isto é, de modo inteiro.

Considerando as diferentes experiências sobre a velhice, podemos conceber a idéia de qualidade de vida como um fenômeno multidimensional e não como algo unidimensional, ou seja, não é possível defini-la a partir de critérios insuficientes e reducionistas.

"O foco na abrangência e na profundidade da vida toda, na dinâmica das interações que os indivíduos estabelecem com o ambiente, na historicidade de indivíduos e de grupos sociais e na variabilidade das experiências de velhice e envelhecimento conduzem à preferência pelas noções de multidimensionalidade e de multivariação na análise da qualidade de vida na velhice. Ambos os fenômenos – multidimensionalidade e multivariação – podem ser analisados pelo arsenal metodológico e estatístico que as disciplinas que estudam a velhice têm hoje à disposição" (NERI, 2001, p. 172).

Na entrevista que realizei com Cristiane Braido, coordenadora do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, ela comentou que os idosos sempre tiveram liberdade para estar sugerindo novas produções, ou mesmo modificações nas atividades dentro dos grupos. O diálogo entre os idosos e os profissionais do programa favorecem a agilização das sugestões e demandas que emergem nessa convivência.

Outro aspecto observado é que o trabalho realizado pelo programa não objetiva certificar os participantes, ou mesmo obrigá-los a participar das atividades, pois há flexibilidade na participação a estas; os idosos são estimulados a se integrar às mesmas, em função dos desejos e necessidades que têm.

#### Segundo Cristiane Braido:

"Essas atividades que compõem o programa do idoso, tem um objetivo primordial, que é dar oportunidade, levar essa pessoa a ter uma melhor qualidade de vida e também estar incluída, porque muitas pessoas, muitos idosos na cidade e no próprio Brasil, são pessoas que ficam mais em casa, são pessoas que estão mais propensas ao isolamento, ao isolamento social, gerando muitos casos de depressão. Então o programa tem esse objetivo de melhorar a qualidade de vida através de várias atividades esportivas, culturais, educacionais, de assistência social que possam promover tanto a prevenção ao isolamento social desse idoso e também a prevenção ao asilamento."

A forma como alguns idosos se relacionavam comigo durante o período que fiz estágio na instituição, me contando particularidades do cotidiano deles, as concepções acerca dos fatos, o ânimo, a alegria de fazer parte de um grupo, de realizar as atividades me chamou atenção; assim como o bom relacionamento com os profissionais participantes do programa.

No Programa Saúde Toda Vida promovido pela Unimed Campinas, também percebi um entusiasmo muito grande por parte dos idosos participantes. Estavam sempre alegres, animados e envolvidos nas atividades desenvolvidas, Seja na ginástica adaptada, no grande encontro das terças – feiras à tarde, no artesanato, no grupo de teatro, no coral, etc. Da mesma maneira observei um relacionamento bem afetuoso entre os profissionais e os idosos; isso ficou bem claro nos momentos em que recitavam poesias, ou agradeciam pelo trabalho de Márcia e Fabíola, assistentes sociais organizadoras das atividades culturais realizadas às terças – feiras á tarde.

Para NERI (2007), a emergência da terceira idade como evento compartilhado por um número grande de pessoas é fato novo na história das sociedades, que têm que planejar providências sociais, econômicas e culturais para responder ao aumento do número de idosos na sua população. Neste sentido, é importante explicitar marcos demográficos, para que as sociedades se organizem para sustentar, proteger e cuidar de seus velhos, não mais produtivos.

Segundo a autora, no Brasil, a expressão Terceira Idade, foi introduzida no final dos anos 1970, quando instituíram os primeiros programas de lazer e educação para idosos. Tal expressão refere-se à divisão do curso de vida em quatro idades, sendo a primeira a fase da dependência, da imaturidade e educação; a segunda, a da

independência, maturidade, responsabilidade, ganhar e poupar; a terceira refere-se ao tempo de realização pessoal; e a quarta, a fase de dependência, decrepitude e morte.

Considerando as preocupações criadas pelo envelhecimento populacional, estimular os mais velhos á conquista de uma boa velhice, parecia ser algo interessante. Para tanto, seria importante usar uma denominação menos negativa do que velhice, descrevendo-a como momento de realização e pospondo a dependência e o declínio. “Terceira idade” consagrou-se porque parece soar melhor do que a palavra velhice, assim como no Brasil, as expressões melhor idade, feliz idade e maior idade, entre outras. Não há um marco cronológico preciso da chegada da terceira idade para os indivíduos: ela se estabelece ao sabor da economia, das práticas sociais e da subjetividade.

Com relação aos aspectos relacionados a uma boa velhice, percebemos que, cada vez mais a relação do sujeito com espaços e pessoas fora do ambiente familiar, tem favorecido e muito a melhora na qualidade de vida e a resignificação do processo de envelhecimento.

Os vínculos e compromissos que esses sujeitos estabelecem nos Grupos de Convivência resultam imprescindíveis no fortalecimento de sua atuação, posto que nessa relação, há possibilidades de seus interesses e anseios serem ouvidos e concretizados.

Conforme DEPS (1993), nas atividades grupais os idosos podem encontrar satisfação pessoal e apoio para a prevenção e a cura de doenças como o estresse, por exemplo, pois estas têm um maior impacto do que as atividades solitárias.

Essas atividades grupais reforçam o sentimento de valor pessoal, o auto-conceito e o sentimento de auto-eficácia, facilitando o manejo das situações estressantes com as quais o idoso se depara no processo de constituição da velhice.

Ao considerarmos que o processo de desenvolvimento se estende por toda a vida e em suas diferentes fases, não podemos desprezar a dinâmica de dependência e independência que permeiam o curso da vida.

BORGES (2003) coloca que tais conceitos, anteriormente tratados como antagônicos, recentemente estão sendo expressos de maneiras diferenciadas, nos vários domínios do comportamento. Esses conceitos também se manifestam diferentemente, quando são consideradas as diversidades culturais e o contexto histórico.

Segundo a autora, na sociedade pós-moderna, a autonomia e a independência são valores a serem alcançados, sendo inclusive considerados como indicadores de saúde e vida bem-sucedida. A mesma faz menção a Paschoal (1996), que define a autonomia como “capacidade de decisão, de comando” e independência, “capacidade de realizar algo com seus próprios meios”. Autonomia e dependência são características comportamentais construídas a partir das relações e o estado de dependência pode ser considerado como normal e saudável em qualquer período etário, dependendo de suas características, uma vez que esses conceitos são interdependentes e têm como características a complexidade e a multirecionalidade, ou seja, no decorrer de todo o curso de vida, não se dissociam da necessidade de apoio, segurança e assistência, mas ao mesmo tempo, se empenham em construir um self mais evoluído, aumentando a autoconfiança e o senso de agência, autonomia, individuação e autocontrole.

Para BORGES, na velhice, como nas outras fases da vida, as mudanças na autonomia continuam sendo uma questão de equilíbrio entre dependência e independência, assumindo a vulnerabilidade biológica e a aceitação da própria finitude. A autonomia e a integração social passam a ser vitais, considerando que a segurança e a autonomia, proporcionadas por um ambiente acolhedor e estimulador, advêm em grande parte de suas próprias competências e recursos, mesmo sendo a autonomia afetada pelas limitações físicas, sociais, psicológicas e econômicas, impostas pelo passar do tempo. Dessa forma o bem-estar subjetivo normalmente depende do estado de autonomia e independência, que define ainda o conceito de velhice saudável, em qualquer aspecto. Poder tomar decisões, fazer escolhas e executar as atividades da vida diária, sem precisar de ajuda de outras pessoas, são condições básicas para um envelhecimento satisfatório, em qualquer tempo e em qualquer cultura.

## **A atividade física como fator de prevenção de doenças do envelhecimento**

Várias pesquisas demonstram a importância da atividade física em qualquer etapa da vida, sendo esta necessária para alcançar boa qualidade de vida, seja esta em termos de forma física, de aspectos psicológicos e sociais, não só na velhice, mas ao longo de toda a vida.

Nos grupos de convivência em que frequentei, pude observar nos participantes idosos, o efeito maravilhoso da atividade física. Alguns, em conversa comigo, diziam que o segredo para manter-se animado e saudável, era fazer atividade física.

Para OKUMA (1998), cada vez mais os estudos vêm evidenciando a atividade física como recurso importante para minimizar a degeneração provocada pelo envelhecimento, possibilitando ao idoso manter vida ativa, com qualidade. Como a atividade física tem potencial para estimular várias funções essenciais do organismo, mostra-se não só um coadjuvante importante no tratamento e controle de doenças crônico-degenerativas (como diabetes, hipertensão, osteoporose), mas é também essencial na manutenção das funções do aparelho locomotor, principal responsável pelo desempenho das atividades da vida diária e pelo grau de independência e autonomia do idoso.

Segundo a autora, através de diferentes situações relatadas por idosos envolvidos nos estudos relacionados à atividade física, estes demonstraram sentir-se valorizados, pois sob a influência dessa atividade, têm mais capacidades para lidarem com o cotidiano. Um dos relatos retrata a comparação que fazem, atualmente, entre eles próprios e idosos sedentários, na qual observam que estes, além de serem menos capazes fisicamente, sofrem os efeitos negativos desse comportamento, pois são

menos eficazes para lidar com as demandas da vida diária, enquanto eles se mantêm ativos, dispostos, empreendedores, percebendo suas possibilidades para realizar tudo o que desejam.

No entanto faz-se necessário discernir atividade física de exercício físico. Segundo Roosevelt Junior (2005) podemos entender o exercício físico como uma forma de atividade física planejada, estruturada, sistemática, efetuada com movimentos corporais repetitivos ou não, a fim de manter ou desenvolver as habilidades físicas e cognitivas, além de componentes da aptidão física. E aptidão física é o conjunto de características possuídas ou adquiridas por um indivíduo que estão relacionadas com a capacidade de realizar atividades físicas. Quanto à atividade física, um conceito mais ampliado a define como sendo um conjunto de ações que o indivíduo ou grupo de pessoas pratica envolvendo gasto energético e alterações orgânicas por meio de exercícios que pressupõem movimento corporal, com aplicação de uma ou mais capacidades físicas, associado à atividade mental e social. Em que esse indivíduo terá como resultado benefícios à sua saúde, melhorando suas aptidões físicas, capacidades cardíaca e pulmonar, seu nível de força, flexibilidade, tônus muscular, tempo de reação, equilíbrio, entre outros, tudo isso dependendo do tipo de atividade física e de sua intensidade, frequência e duração.

Na Gerontologia, a atividade física é considerada um conjunto de ações corporais capazes de contribuir para a manutenção fisiológica e para o funcionamento normal físico e psicológico das pessoas que envelhecem. Este conceito coincide com o de promoção da saúde em Educação Física, entendida como um conjunto de responsabilidades, papéis e ações interativas, com o propósito de apoiar as pessoas e as comunidades a adotarem e manterem práticas saudáveis, a usarem amplamente os

serviços de saúde disponíveis, a desenvolverem a consciência crítica e a investirem na autocapacitação, de modo a aprimorar suas competências para tomada de decisões, seu status de saúde e seu contexto ecológico e social.

É importante ressaltar que a atividade física regular além de favorecer a manutenção da capacidade física do idoso, tem também efeitos importantes na prevenção e no tratamento de doenças crônicas que podem surgir no processo de envelhecimento. Isso significa que além de preservar a qualidade de vida e aumentar a longevidade em ótimas condições de saúde, a atividade física diminui o número de doenças e de morte precoce.

As experiências vividas pelos sujeitos com relação à atividade física, os levam a reconhecê-la como um importante instrumento de viver uma velhice mais sadia e com maior qualidade, pois se sentem mais capazes de realizar suas atividades de maneira mais eficaz.

Segundo MINUZZO (2007), é através do corpo que a pessoa se conhece e se relaciona com o mundo. Corpo não como uma máquina, engrenagem, mas considerado como manifestação numa relação dialética, onde se faz e é feito para, por e pela relação sociocultural.

Roosevelt Júnior (2005) coloca que os idosos praticantes de atividades físicas, além de se sentirem bem, têm mais disposição dentro e fora da família, são menos dependentes e conhecem novamente seu corpo, ultrapassando limites e barreiras muitas vezes auto-impostas.

Para a autora, as atividades físicas trazem benefícios físicos para os idosos, tais como: diminuição da gordura corporal, aumento da força e da massa muscular, fortalecimento do tecido conectivo, melhoria da flexibilidade; diminuição da pressão

arterial. Também reduzem os níveis de triglicérides no sangue, os riscos de acidentes vasculares cerebrais e a manutenção do funcionamento de alguns neurotransmissores.

A prática de atividade física para adultos maduros e idosos pode reduzir riscos de quedas e fraturas, manter a força muscular e ajudar na manutenção de uma vida independente. Indivíduos idosos fisicamente ativos têm menos quedas, melhor equilíbrio e forte percepção de eficácia.

“A atividade física é uma aliada imprescindível para alcançar boa forma física e boa qualidade de vida física e psicológica, não só na velhice, mas ao longo de toda a vida. A preocupação de promover e manter a saúde deve ser ressaltada para a população mundial, que, cada vez mais, necessita, em sua rotina diária, da prática de exercícios físicos regulares para combater os efeitos nocivos da vida sedentária, para manter e promover a saúde e a funcionalidade física e mental.” (JÚNIOR, Roosevelt, 2005, p. 18).

## Saúde física e saúde emocional

O foco atual das recentes pesquisas visualiza o envelhecimento saudável como resultado da interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica. Assim sendo, a velhice bem-sucedida contempla a heterogeneidade e a possibilidade de mudanças positivas, estando o critério de sucesso relacionado ao contexto sócio-cultural. Para tanto é importante considerar a inter-relação das mudanças que ocorrem em três dimensões essenciais da vida humana: dimensões biológicas, psicológicas e sociais.

Favorecer a qualidade e funcionamento das redes de relações sociais é atuar de forma importante na preservação da saúde e qualidade de vida dos idosos. É fortalecer o senso de controle e ampliar os recursos a serem utilizados frente aos eventos estressantes da vida, gerando assim bem-estar subjetivo na velhice, característica imprescindível para a vivência de uma velhice bem sucedida.

Conforme mencionado anteriormente, é de fundamental importância à qualidade das relações sociais, e neste sentido, estar inserido em um grupo social em determinado espaço e tempo, participando das atividades que este oferece, implica decisivamente na promoção da saúde, no bem estar psicológico e social, e na cidadania de qualquer segmento, inclusive no segmento idoso.

"De primeiro eu não tinha vontade de sair de casa, minha vontade era só solidão, só chorar, depois disso, minha filha... Agora eu sou dona do meu nariz. Hoje minha filha, eu adoro pegar um livro e ler, e escrever; as coisas do artesanato, tudo eu aprendi a fazer, eu não fazia nada! Minha vida foi só trabalhar e criar filho. Minha filha, oportunidade eu nunca tive na minha vida. Mas hoje eu me sinto outra pessoa." ( Senhora Catarina, 59 anos, do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos)

DEPS (1993) comenta que nos últimos anos os gerontólogos têm voltado sua atenção para o estudo do envelhecimento bem sucedido. Destaca Wong, 1989, que define o envelhecimento bem-sucedido como um nível relativamente alto de saúde física, bem estar psicológico e competência em adaptação. Para a autora, segundo Lee e Ishi-Kuntz (1988), bem-estar emocional ou psicológico, refere-se ao estado da mente, incluindo sentimento de felicidade, contentamento e satisfação com as condições da própria vida. Como se observa em revisão da literatura mencionada também por estes autores, o bem-estar psicológico ou a qualidade de vida na velhice são também referenciados como “moral”, “estado de espírito” e “satisfação”.

Enfatiza que a maioria das teorias de ajustamento ao envelhecimento, incluindo a teoria da atividade, postula que o bem-estar emocional, é, em parte, resultado da interação social e da força do vínculo social.

Segundo DEPS (1993), uma recente pesquisa em gerontologia social, demonstrou uma ausência aparente de qualquer relacionamento entre bem-estar emocional de pessoas idosas e a frequência com as quais elas interagem com seus filhos adultos e demais parentes. Desse modo, a atividade fora do ambiente familiar pode constituir-se numa oportunidade de bem-estar emocional para o idoso pela possibilidade de convívio fora do ambiente familiar.

“Percebi sim (senhora Idelina, referindo-se às mudanças em sua vida após ter começado a frequentar o programa Saúde Toda Vida) até na saúde melhorou. Na maneira de receber as pessoas, os nossos familiares, Eu gosto de tudo, gosto de estar aqui (referindo-se ao espaço de convivência), gosto dos amigos, é muito bom”. (Trecho de entrevista realizada com a senhora Idelina, do programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas) .

Compartilhar de atividades grupais com pessoas da própria geração favorece o bem-estar do idoso porque facilita a emergência de significados comuns e a maior aproximação interpessoal e permite a ocorrência de catarse.

Para OKUMA (1998), saúde e melhor aptidão física são sempre apontadas como os principais valores atribuídos à atividade física, assim como os determinantes que mais levam as pessoas a aderirem a programas desse tipo, de acordo com resultados consensuais de pesquisas sobre a adesão à atividade física. Porém as falas dos sujeitos com relação a este tema ultrapassam o referencial de saúde e aptidão física; enfatizam muito mais a nova relação que passaram a ter consigo, com o ambiente, com o outro e com a vida, ao se perceberem mais saudáveis e /ou em melhores condições físicas. Nestas falas percebe-se uma dimensão existencial pouco observada pelos pesquisadores, e que é de fundamental relevância para melhor adequar programas e estudos às necessidades e expectativas dessa população.

Para FREITAS e PINHEIRO (2006), a promoção da saúde possibilita ações voltadas para a análise global do contexto biológico, psicológico, social e cultural da população. Porém, para se prevenir a dependência, manter a saúde e a maior longevidade com qualidade de vida, é fundamental que sejam adotadas medidas de prevenção.

Concordo com os autores quando dizem que a sociedade tem responsabilidades para com o envelhecimento e que ela tem o dever de desenvolver políticas e programas que promovam um envelhecimento saudável com probabilidades de autonomia e independência funcional do cidadão que envelhece. Da mesma forma, ela tem também o dever de atender o idoso de forma a minimizar o sofrimento oriundo de seqüelas das doenças crônico-degenerativas típicas do envelhecimento. A promoção da saúde, as

prevenções primária, secundária e terciária são obrigações incontestáveis da sociedade.

O artigo 196 da Constituição Federal Brasileira de 1988, prescreve o seguinte: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação”. Entretanto, não podemos ignorar que no processo de formulação de uma política pública de saúde, específica para um determinado segmento populacional, é necessário levar em conta os problemas ambientais, econômicos, sociais, culturais e as suas particularidades.

A promoção da saúde propriamente dita é realizada através de medidas de ordem geral, e engloba estratégias de melhora de ordem geral, englobando estratégias de melhora de condições de vida, como moradia adequada, educação, acesso ao lazer, boas condições de trabalho, saneamento, boa alimentação, etc.

Os fatores econômicos têm profundas repercussões sobre a saúde. A baixa capacidade econômica influencia no aparecimento de doenças; diferentemente é o caso das classes sociais mais privilegiadas, as quais estão menos sujeitas à agressão ambiental e ao desenvolvimento das doenças ensejadas.

Segundo os autores os objetivos principais da promoção da saúde no campo da Geriatria e da Gerontologia são a redução da mortalidade precoce causada pelas doenças típicas do envelhecimento e a manutenção da independência funcional, buscando aumentar a vida, porém com a melhora da qualidade.

Observamos pela pesquisa etnográfica e pelos depoimentos colhidos, que tais objetivos vêm sendo buscados nos dois projetos pesquisados.

## **Inclusão Social**

Ao abordarmos o referido tema, é importante levarmos em conta, a questão da modernidade que sucateia as vidas humanas em função do capital, e a negação da importância destas pelo sistema.

GUSMÃO (2003) faz menção à sociedade violenta em que vivemos, pois esta estipula os limites dos sujeitos por meio de uma hierarquia etária, convencional e ideologicamente produzida, que não vê o verdadeiro sentido de se ter uma idade, mais do que pertencer a uma idade.

O ser idoso sente-se ameaçado de exclusão por se afastar do padrão estabelecido pela nossa sociedade e não atender as exigências do culto a juventude.

PY (2006) cita Birman, 1995, que se refere ao reconhecimento das transformações desse corpo envelhecendo no mundo, que pode ser destituído de conotações negativas e incluído no registro da diferença, para então recolocar-se em um lugar de valor que o faça permanecer no circuito do desejo. Torna-se assim possível reintegrar-se à vida, na dimensão de sua temporalidade. Quando este sujeito é incentivado a visitar o passado, alcança uma ressignificação no presente para relançar-se à aventura de projetos futuros.

A autora cita Laplanche e Pontalis, que falam da constituição do sujeito na trajetória das identificações, ou seja, vivendo os processos psicológicos responsáveis pela assimilação de aspectos e atributos do Outro, capazes de produzir, nele, continuamente, transformações em diferentes graus de intensidade, segundo aquele que foi o modelo.

No percurso das identificações que, ao longo da existência, o ser humano atravessa, reconhecendo-se ao mesmo tempo em que reconhece o outro à medida que é também reconhecido por esse outro, transcorre o trabalho psíquico de reconhecer-se nos seus próprios desejos, discriminando o que é seu e o que é do outro e, ainda, buscando meios de satisfação, embora jamais vá alcançá-la plenamente. Trata-se aqui da elaboração das perdas e das aquisições, que teve início lá na infância: na perda da crença pela onipotência do outro e na aquisição da capacidade de escolha própria, ou seja, da sua autonomia.

FIGUEIREDO (2007) fala da necessidade de compreendermos o conceito de identidade a partir de um sentimento de pertencimento que vai para além do mero processo nomeação/conceituação de seus lugares. A idéia de pertencimento nos auxilia a pensarmos a identidade na perspectiva da pluralidade e dos processos de reestruturação identitárias que ocorrem na nossa relação com os outros e que nos permitem construir uma idéia singular de nós mesmos, pois a identidade passa por estruturação pautada nas diferentes lógicas discursivas e afetivas que se refletirão nas práticas sociais e formarão uma determinada cultura através das diferentes subjetividades que estão em jogo. Assim, há que se compreender que, neste processo de subjetivação, as singularidades se interconectam a um coletivo e este, por sua vez singulariza-se num movimento plural, aberto e dinâmico.

"Passamos a maior parte de nosso tempo tentando organizar os nossos "lugares", demarcar nossos territórios e nomear espaços e tempos, mas pouco nos preocupamos em povoar e de fato habitar esses territórios, esses lugares, dar-lhes sentidos. É justamente pela percepção e vivência dessa forma de compreender a identidade que apontamos e apostamos numa outra lógica identitária, pautada fundamentalmente no processo de experienciar, vivenciar e habitar nossos espaços/tempos, ou seja, recriá-los, sermos recriados por eles, em suma, pertencermos a eles ao mesmo tempo em que pertencem a nós." (FIGUEIREDO, 2007, p.169).

As ações que promovem conscientização e transformação possibilitam aos sujeitos envolvidos neste processo, sentirem-se pertencendo a algo, inclusos. Incluir significa dar vez, voz e ouvidos aos sujeitos de uma comunidade. Neste processo é importante considerar os direitos humanos, fugindo dos chavões que produzem conteúdos que alienam.

Percebi nas duas instituições pesquisadas, que ao procurarem atender demandas e necessidades dos idosos, buscam também o desenvolvimento de talentos incentivando seus freqüentadores a participarem das várias atividades ou oficinas que oferecem, favorecendo o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e a construção de identidades.

Em algumas tardes de terça-feira, no programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas, acontece a Tarde de Talentos, em que os idosos têm a oportunidade e espaço para apresentar seus talentos, ou seja, o que mais apreciam fazer. Poesias, causos, piadas, músicas, instrumentos tocados, como teclado, por exemplo, davam um tom alegre e descontraído nessas tardes em que demonstram suas habilidades.

Da mesma forma, no Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, os idosos têm a oportunidade de participar das atividades fazendo sugestões e demonstrando as habilidades que possuem. Em algumas atividades de artesanato, algumas idosas trazem o que produziram em casa e mostram para o grupo. Este, interessado nestas produções, acaba por sugeri-las como atividades a serem ensinadas no próximo módulo.

Vale ressaltar que nesses momentos em que se compartilham os saberes, seja na oficina de artesanato, seja na apresentação dos talentos, forma-se um grupo que

cria vínculos, e esse grupo é mais uma oportunidade da pessoa se incluir. A participação eleva a auto-estima, favorece a auto-valorização e o sentimento de pertencer a um grupo. Ao aprender a fazer um trabalho (no caso do artesanato) o idoso tem a possibilidade de gerar uma renda, uma das oportunidades que lhe fora roubada pela sociedade capitalista em que vivemos.

Segundo SILVA (2007), o reconhecimento da dignidade e da integridade desses sujeitos, visa construir perspectivas de vida por meio de descobertas e capacitações de suas potências, que facilitam expressão, autoconhecimento e, sobretudo, dá sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Segundo SIMSON (2007), ao desenvolver o “sentimento de pertença ou de pertencimento”, o indivíduo ao mesmo tempo se percebe pertencente a um determinado espaço (urbano ou social) como também compreende que, ao pertencer, ele se torna importante, relevante e válido naquele espaço. Só a existência desse sentimento de pertencimento garante uma base segura para a construção de uma “noção de cidadania”, ao mesmo tempo consciente e responsável.

A criação de espaços significativos para a participação social dos idosos em suas comunidades, possibilita a ampliação de sua visão enquanto segmento social, estimulando-o a lutar por direitos de cidadania e contra a exclusão social e os preconceitos que circundam a questão do envelhecimento.

BORGES (2003) enfatiza que o ponto de partida, certamente, é estimular a construção de uma cultura de inclusão social, não somente para o contingente idoso, que freqüentemente é vítima de preconceitos, mas para todos os segmentos que estão excluídos e que não tem acesso aos direitos sociais mais básicos. Não há nenhum ser humano sem história, sem o seu saber específico advindo de suas descobertas,

construções, enfrentamentos e mediações cotidianas e, portanto, único e valioso. Assim, essas histórias reunidas formam o sujeito coletivo, inserido no seu grupo familiar e social, protagonizando a construção da cultura e da nação.

São tais atividades, que permitindo o autoconhecimento e a ligação com a comunidade pela construção do sentimento de pertencimento, que conduzem á cidadania, levando também a explicitar atitudes de autogestão, presentes nos programas voltados ao público idoso.

“Se o Conhecimento é relativo à história e à sociedade, ele não é neutro; todo conhecimento está úmido de situações histórico-sociais; não há Conhecimento absolutamente puro, sem nódoa. Todo Conhecimento está impregnado (ou com sotaque italiano, *emprenhado*) de história e sociedade, portanto, de mudança cultural.”  
(CORTELLA, 2004, p. 127)

## **Prevenção isolamento social e ao asilamento**

A compreensão da realidade do idoso nos permite refletir sobre suas necessidades e empreender propostas no sentido de abrir caminhos que fujam da questão do isolamento social e do asilamento.

Conforme mencionado anteriormente, o aumento da população idosa tem produzido novas formas de estudar esta questão. Este processo ou fase da vida que sempre fora visto como algo negativo, passou a ser considerado como uma etapa em que se pode viver bem, com prazer, com satisfação, enfim com qualidade.

Esta nova realidade desperta a sociedade para a criação de ações que contemplem as necessidades desse segmento nas mais variadas dimensões, objetivando atender suas necessidades, de maneira a não expô-lo ao asilamento social e dando condições para que este não precise se sujeitar a viver em instituições asilares. Porém essas ações precisam ser realmente concretizadas no cotidiano desse segmento, de maneira que possam desenvolver sua autonomia, para que possam ser integrados e participem de maneira efetiva na sociedade em que vivem, destruindo os mitos em relação à velhice.

Estudar o processo de constituição da velhice nos possibilita pensar na construção de projetos que permitam ao ser idoso reassumir o papel social que antes exercia e que, aos poucos, lhe foi sendo roubado pela sociedade moderna.

Portanto, a análise dos conteúdos das iniciativas dos espaços de convivência criados para essa população é fundamental, pois nos permite verificar até que ponto eles visam integrar realmente os idosos à comunidade à qual pertencem, prevenindo-os do isolamento social e do asilamento. Promovem-se a autonomia, a participação

política, a capacidade de autogestão, e se os fazem reconhecerem-se como parte integrante da dinâmica do mundo em que vivem.

“O oferecimento de um leque maior de oportunidades ocupacionais poderá ser outro fator facilitador da participação em atividades. A ampliação dessas oportunidades, se precedida por um levantamento de interesses pessoais, permitirá a auto-expressão de valores e a emergência de compromisso, condições indispensáveis para que a atividade seja significativa”. (NERI, 1993, p.201).

BORGES (2003) menciona a lei 8.842/94, de 3 de julho de 1996, que traz propostas concretas para viabilizar avanços na qualidade de vida da população idosa, dando ênfase ao atendimento não asilar ao idoso (art. 4º), além de garantir a melhora do atendimento asilar aos que não possuem vínculos familiares, nem meios para suprir sua subsistência, pelo menos num período de transição, dependendo de atitudes filantrópicas ou públicas. Segundo a autora, na atuação profissional e política direcionada a esse segmento, precisam estar presentes a consciência da importância da projeção comunitária e a articulação necessária de sua intervenção junto a outros segmentos sociais, de modo a garantir o avanço a que se propõe, instrumentalizando o idoso para que ele possa buscar alternativas para viver com maior qualidade.

A acelerada urbanização da sociedade brasileira nas últimas décadas introduziu alterações na estrutura familiar, seja o ingresso da mulher no mercado de trabalho, com o conseqüente decréscimo das famílias extensas, o que fez com que tanto a família, quanto a sociedade e o poder público não tivessem condições de conviver com essa nova realidade demográfica.

SILVA e NERI (1993) colocam que os tipos de assistência requeridos por idosos fragilizados, que dependem crescentemente de outras pessoas para viver, têm sido exaustivamente resenhados pela literatura especializada.

Conforme as autoras, as atividades de grupos de suporte podem ser mediadas por profissionais que atuam direcionando as discussões e intervenções, ou então fornecendo informações de ordem técnica sobre como fazer ou sobre o significado das perturbações e déficits apresentados pelo idoso.

Um dos serviços comunitários mais comentados na literatura internacional é o que permite aos cuidadores familiares tirar folgas temporárias ou se alternar com outras pessoas no desempenho do cuidado, principalmente quando ele exige dedicação em tempo integral, como acontece com idosos altamente dependentes. Abrem possibilidades para que outras pessoas conduzam os idosos ao médico, ao recebimento da pensão, à igreja ou a outro local. Podem também consistir em oferecer locais que proporcionam abrigo e cuidados por curtos períodos, ou mesmo hospedagem temporária. Tais arranjos propiciam oportunidades para que o cuidador principal se afaste temporariamente das atividades de cuidado, quer para descansar, quer para atender necessidades pessoais ou familiares.

Para SIQUEIRA e MOI (2003), as instituições de longa permanência, denominadas instituição asilar, são voltadas ao atendimento do idoso carente, diferente das casas geriátricas ou de repouso destinadas a uma parcela da população idosa de maior condição econômica.

Segundo as autoras, nas instituições asilares brasileiras há uma grande procura por vagas, não só por idosos de alta dependência, em busca de cuidados especiais, mas também por idosos "jovens", na faixa de 60 a 65 anos. Tais idosos plenamente independentes foram alijados do mercado de trabalho e da proteção familiar em decorrência das transformações socioeconômicas em curso na nossa sociedade.

Como modalidade de proteção, a instituição asilar preenche a lacuna aberta pelas dificuldades da família em atender às necessidades de seus idosos e pela falta de implementação de programas que apoiem sua permanência na comunidade e no ambiente familiar, como proposto na Política Nacional do Idoso.

Concordo com as autoras quando enfatizam a urgência de conhecermos a realidade dessas instituições, no sentido de compreendermos as diversas dimensões do processo de envelhecimento no Brasil e garantir, a uma parcela da população idosa, qualidade de serviços que lhe permita manter a autonomia, independência e a participação como cidadã na vida de sua comunidade.

## **A participação dos idosos na elaboração das atividades desenvolvidas nos dois programas pesquisados**

Como têm demonstrado os estudos em Gerontologia, a compreensão da realidade do segmento idoso, permite criar e adequar as atividades necessárias ao atendimento de suas necessidades. Porém, para que realmente essas necessidades possam ser contempladas, faz-se necessário dar voz a estes sujeitos, para a partir dessas vozes, consolidarem-se propostas eficazes para que haja um processo de envelhecimento saudável.

Percebi nos grupos de convivência pesquisados, momentos de sugestão na elaboração de algumas atividades, que acabaram se tornando significativas para os sujeitos envolvidos, pois aconteciam de acordo aos seus interesses e necessidades. Porém, acredito ser de fundamental importância incentivar e fortalecer ainda mais essa prática de participação para o bom andamento do grupo, para que o idoso exerça sua função social como cidadão e que suas ações tenham influência direta tanto no seu grupo, como nas demais esferas.

GUSMÃO (2003), diz que a compreensão do mundo é um produto social construído entre pessoas afetadas pela historicidade e pela sociabilidade. Portanto, não há aquela palavra, conceito ou idéia enunciada que esteja livre de ideologia, de vivência e da presentificação da atualidade do contexto histórico e cultural de sua enunciação.

BORGES (2003) enfatiza que não há como impor ou conceder a participação, esta tem que ser assumida por todos os envolvidos, de forma consciente e sentida como um processo contínuo e infundável; a participação não pode ser individual, mas

Segundo a autora são muitas as conseqüências de acontecimentos históricos, culturais, sociais e econômicos que nos distanciam de uma cultura participativa, mas a introdução de novos valores e posturas diante do poder e da visão de hierarquia de comunicação poderá estimular o comprometimento das pessoas em todo o processo e ainda adequar e aparelhar as organizações para esse novo quadro que vem sendo implantado em todo o mundo, tanto no setor privado como no público. A instrumentação da extensão dos direitos civis, políticos e sociais depende da participação da comunidade na sua formulação, concretizando-se a partir da redistribuição dos recursos.

"A participação cidadã não é uma abstrata vontade ou consciência, mas práxis que procura superar os problemas sociais, como a ausência de bens materiais, simbólicos e sociais. Eles poderão ser conquistados se os indivíduos apossarem-se de direitos e lutarem pela sua execução. Daí que a cidadania implica a conquista de igualdade, em oposição à sociedade de classes, que promove a divisão social com a negativa de bens e direitos à maioria." (MARTINS, 2007, p. 84).

## Autogestão

Ao pensarmos o papel da autogestão nos grupos de convivência, começamos a perceber o quanto é importante valorizar a experiência do idoso nesse processo de construção de autonomia, pois é preciso enxergá-los como sujeitos capazes de identificar suas necessidades e assumir o processo de gestão de seu percurso existencial como agente das transformações que a sociedade necessita.

"Só nos sentimos pertencendo, fazendo parte de alguma coisa, quando há convergência nos valores envolvidos no processo, a gestão com participação efetiva só é possível quando responde às necessidades externas às pessoas e às organizações e ainda à necessidade de adaptação às mudanças. O conceito de gestão, inclusive, extrapola o de administração, por atuar no campo de demandas e necessidades reconhecidamente legítimas, constituídas como direitos individuais e coletivos, promovendo a inclusão e alcançando um bom nível de resolubilidade". (BORGES, 2003, p.99).

BORGES (2003) enfatiza que, para se propor um processo de gestão democrática em um Centro de Convivência de Idosos, que possibilite o acesso das pessoas ao poder decisório e em todas as etapas do desenvolvimento do trabalho, é preciso antes de tudo acreditar no potencial dos mais velhos e na sua capacidade de gerir a própria vida, nas suas relações familiares e sociais e considerá-los como cidadãos com direitos e deveres e como sujeitos com papéis sociais significativos.

Podemos entender a autogestão como auto atividade, ou seja a manifestação da iniciativa do sujeito no sentido de atuar, segundo BORGES, no campo das demandas e necessidades reconhecidas como legítimas, constituindo-se em direitos dos cidadãos, propondo canais e respostas, em formas de projetos, programas e planos, visando a composição de políticas sociais.

Nesse processo de constituição de cidadania é necessária à formação de pessoas preocupadas com o bem comum, dispostas a penetrar na realidade histórica de forma dialética para compreender a dinâmica do mundo que nos circunda.

Para GROPPPO (2007), torna-se necessário recuperar os sentidos mais profundos de autogestão, inclusive na educação. Trata-se de uma vontade popular subterrânea que, modernamente, nasce com as idéias e práticas concretas dos anarquismos e cooperativismos do século XIX, na Europa Ocidental, retomada também ao longo do século XX em todo o mundo.

Segundo o autor "em seu sentido original e mais estrito, a autogestão significa que as decisões sobre controle e gestão da coletividade devem estar submetidas às necessidades, interesses e desejos dos indivíduos que compõem esta coletividade". (GROPPPO,2007, p.71). Nesse sentido, é fundamental que seja superada a diferença entre os que tomam e executam as decisões, e que todos os membros de tal ou qual unidade social, tenham a liberdade de opinarem na gestão de sua coletividade.

O autor enfatiza que derivado do princípio de autogestão, a utopia é que a lógica a reger a gestão e funcionamento desta coletividade aprendente não exista a priori ou externamente, mas sim que expresse as vontades da própria comunidade auto-educadora.

## **Educação Não-Formal**

Ao fazer estágio nas duas instituições pude perceber que as atividades desenvolvidas apresentam características relacionadas à educação não-formal, pois apresentam uma estrutura e organização distinta da organização da educação formal, pois não há um currículo e não são realizadas num tempo pré-determinado. Esta modalidade de educação tem uma flexibilidade muito grande, não tem uma obrigatoriedade de frequência, não exige certificação e pode construir-se na prática, através da oralidade, e segundo os interesses da comunidade onde está inserida.

GOHN (2007), ao referir-se a educação não-formal, diz que esta é voltada para questões que dizem respeito ao dia-a-dia dos participantes. O principal objetivo dessa corrente educativa é a formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo à sua volta e ler criticamente a informação que recebem. Isso é feito pela valorização de elementos culturais já existentes na comunidade, às vezes mesclados com novos elementos introduzidos pelos educadores, e pela experiência em ações coletivas, freqüentemente organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico-raciais, de gênero, geracionais etc.

A autora cita Moacir Gadotti, que se refere à educação não-formal, como sendo uma educação mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática que a educação tradicional. Para o autor tanto o lugar onde se realizam as atividades quanto à duração dos programas variam, respeitando o ritmo de cada turma, o rumo que o programa toma conforme a colaboração dos participantes e, principalmente, diferenças biológicas,

culturais e históricas. A educação não-formal está muito associada à idéia de cultura e à memória.

Segundo GOHN (2007), ela não deve ser vista, em hipótese alguma, como um tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Tampouco deve ser definida pelo que não é, mas sim pelo que é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletividade. “Essa formação envolve tanto a aprendizagem de ordem subjetiva – relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas -, como a aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais etc., que capacitam os participantes para o desenvolvimento de uma atividade de criação”.(GOHN, 2007, p.14)

No Brasil, essa modalidade de educação vem se caracterizando com propostas de trabalho voltadas para as camadas mais pobres, sendo algumas promovidas pelo setor público e outras idealizadas por diferentes segmentos da sociedade civil, de organizações não-governamentais a grupos religiosos e instituições que mantêm parcerias com empresas e outras entidades. (PARK, SIMSON, FERNANDES, 2007).

Tais autoras criticam o fato de que, a educação não-formal vem ganhando espaço na sociedade devido à política social e econômica adotada no país, principalmente em relação às camadas sociais menos privilegiadas. Assim, surgem, de um lado, instituições, associações, organizações e grupos preocupados em propor alternativas que melhorem a forma de inserção de um grande contingente de pessoas na realidade brasileira. Paralelamente, muitos segmentos têm a preocupação de proteger as classes mais favorecidas da marginalidade que impera nas grandes metrópoles, e que pode advir, em especial, de grupos de crianças e adolescentes da

periferia. Essas organizações procuram tirar os jovens das ruas, oferecendo atividades voltadas ao lazer e à capacitação profissional.

Ao longo dos tempos vários autores têm se proposto a discutir o assunto, enfocando aspectos não mencionados por outros, confrontando idéias, ampliando e redimensionando os significados em relação ao conceito de educação não-formal.

Segundo Afonso (2001), é importante pensar essa educação como possibilitadora de uma transformação social, dando condições aos sujeitos que participam desse processo, de interferirem na história, por meio de reflexão e de transformação.

Para o autor,

"A educação não formal considera e reaviva a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, fazendo com que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, procurando não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, fazendo com que essa realidade perpassasse todas as atividades". (AFONSO, 2001, p. 9)

CORTELLA (2007) coloca que a educação não-formal é uma das "esquinas" utilizadas por muita gente séria para poder combater esse bom combate: construir uma cidadania a ser coletivamente fruída, marcada pela justiça e pela paz. Segundo o autor, é no momento de construção de uma cidadania repleta de justiça e paz, que a educação não-formal desponta como uma das fontes de elaboração de futuro.

Segundo SIMSON, PARK e FERNANDES (2007), embora a escola seja uma instituição com muitos anos de existência, participando ativamente dos repertórios culturais de diferentes contextos e deixando marcas indeléveis – positivas e/ou negativas – nas memórias de seus freqüentadores, desde há muito tempo também aparecem experiências formativas que ocorrem fora da escola e para diferentes

públicos. A partir dos anos 1990, no Brasil, tais experiências passaram a ser conhecidas como educação não-formal, ocorrendo paralelamente à frequência escolar.

A educação não-formal, por poder lidar com outra lógica espaço-temporal, por não necessitar se submeter a um currículo definido *a priori* (ou seja, com conteúdos, temas e habilidades a ser desenvolvidos e planejados anteriormente), por dar espaço para receber temas, assuntos, variedades que interessem ou sejam válidos para um público específico naquele determinado momento e que esteja participando de propostas, programas ou projetos nesse campo, faz com que cada trabalho e experimentação sejam únicos. E, por envolver profissionais e frequentadores que podem exercitar e experimentar um outro papel social que não o representado na escola formal (como professores e alunos), contribui com uma nova maneira de lidar com o cotidiano, com os saberes, com a natureza e com a coletividade.

Segundo as autoras, quando se busca falar em educação em termos gerais e por diferentes vias, há uma possibilidade de atentarmos para alguns pontos da educação não-formal. O intuito é buscar mostrar a contribuição – e os limites, os avanços, os riscos, os desafios – de outros modos de construir os processos de ensino e aprendizagem, tanto em locais institucionalizados como fora deles, transgredindo o que é instituído – quando for interessante e necessário – e buscando novas formas de estabelecer relações com o mundo, com o outro e consigo.

Ao fazerem uma breve tentativa de revisão dos olhares de alguns autores acerca do termo educação não-formal, as autoras citam Jaume Trilla, que diz haver uma linha tênue que separa a educação formal e a não-formal de um lado e, de outro, a educação informal. Esta última caracterizada pela aprendizagem em que não há planejamento, seja por parte dos ensinantes, seja por parte dos aprendizes (muitas vezes

autodidatas), ocorre sem que nos demos conta, como por exemplo, a educação familiar. Quanto à educação formal, esta tem uma forma determinada por uma legislação nacional, ou seja, que tem critérios específicos para acontecer e que segue o que é estipulado pelo Estado - a educação escolar, hoje compreendida pela educação infantil e pelos ensinos fundamental, médio e universitário. A educação não-formal é toda aquela que é mediada pela relação ensino/aprendizagem; tem forma, mas não tem uma legislação nacional que a regule e incida sobre ela. Nesta modalidade estão programas, propostas, projetos que realizam ações e interferências, que são perpassados pela relação educacional, porém se organizam e se estruturam de maneiras diferentes.

Também citam as características da educação não-formal, elencadas por Almerindo Afonso. Segundo o autor, tal modalidade tem caráter voluntário, promove sobretudo a socialização, promove a solidariedade, visa ao desenvolvimento, preocupa-se essencialmente com a mudança social, é pouco formalizada e pouco hierárquica. Favorece a participação, proporciona a investigação e projetos de desenvolvimento, consiste, por natureza, de formas de participação descentralizadas.

Um outro autor mencionado pelas autoras é Barrie Brennan, da Universidade da Nova Inglaterra, que tenta reconceituar o termo educação não-formal. Para este autor, o primeiro subtipo dessa modalidade de educação é descrito como um complemento ao sistema formal. Trata-se das práticas que visam a atingir aqueles objetivos e propósitos aos quais a educação formal não tem sido capaz de atender parcialmente ou, em alguns casos, totalmente. Os grupos-alvo incluem alunos que foram expulsos da escola ou adultos analfabetos. O segundo subtipo é descrito como uma alternativa à educação formal. A educação não-formal procura reconhecer o campo da educação e do aprendizado tradicional ou nativo. A educação e o aprendizado nativos referem-se às

estruturas e práticas que existiram antes da colonização – nos países-colônias – e que continuam existindo de algum modo em traços da vida comunitária e pessoal após o momento de colonização. Trata-se de uma reação ao fato de que a educação formal tem, consciente ou subconscientemente, reprimido ou negligenciado a existência de costumes de ensino e aprendizagem e de práticas advindas da cultura de povos nativos. Um importante traço desse subtipo de educação não-formal é que suas estratégias e técnicas de aprendizagem devem necessariamente ser redescobertas e reavaliadas.

Já o terceiro subtipo dessa modalidade de educação é descrito pelo autor como um suplemento à educação formal. Esta modalidade representa um rol de respostas educacionais que estão relacionadas aos mais recentes estágios de desenvolvimento de uma nação. As origens desse subtipo de educação não-formal são encontradas nas mudanças que ocorreram como resultado da queda do bloco comunista, da consolidação da abordagem capitalista na economia e na política e da globalização do comércio e dos negócios. Esse subtipo de educação não-formal relaciona-se com a aparente “decolagem econômica” de alguns países; ele emerge quando se busca uma rápida reação às necessidades educacionais, sociais e econômicas de uma comunidade, e a educação formal é lenta demais para atender a essas necessidades.

SIMSON, PARK e FERNANDES ressaltam a importância de atentar para os três subtipos de educação não-formal propostos, pois estes estão relacionados à educação formal, embora estejam além dela e não como parte constituinte, ou com o interesse direto e aceito, da educação formal.

O conceito de educação não-formal ainda é apresentado por Brennan aliado a três aspectos: o sistema, o ambiente e o processo. O primeiro desenha o contraste com

o sistema formal, pois se trata de um aspecto importante para mostrar como os sistemas de educação não-formal necessitam ser diferentes – e, talvez, radicalmente diferentes – do conhecido e bem-estabelecido sistema formal. O segundo aspecto é importante em razão do forte elo entre o sistema formal e as instituições educacionais específicas do campo da educação não-formal. O reconhecimento do aprendizado que ocorre para além das instituições educacionais formais é importante ser levado em conta quando vemos a variedade de agências patrocinadoras envolvidas nesse tipo de educação e os muitos locais possíveis para se ensinar e aprender. O terceiro aspecto, denominado processo, fornece um meio para enfatizar as estratégias de ensino e aprendizado da educação não-formal e mostra como essas estratégias necessitam ser apropriadas aos aprendizes, à sua cultura e aos objetivos dos programas.

Nesta revisão de olhares acerca do conceito de educação não-formal, as autoras também citam os pesquisadores da Universidade de Michigan, Kleis, Lang, Mietus e Tiapula. Ao falarem dessa modalidade educacional, tais autores incluem também o conceito de educação incidental, entendendo que algumas experiências são educacionalmente não-intencionais, mas não menos poderosas. Os resultados são tão comuns e produzidos tão completamente sem consciência ou intenção que são comumente pensados como “naturais” ou “inerentes”. Porém, o fato é, claro, que eles são aprendidos.

Ainda nesta revisão é citado Ventosa Pérez, professor da Universidade de Salamanca, que tem uma vasta produção na área da educação não-formal desde a década de 1980. Segundo este autor a educação social é um conjunto fundamentado e sistemático de práticas educativas não-convencionais realizadas preferencialmente – ainda que não exclusivamente – no âmbito da educação não-formal, orientadas para o

desenvolvimento adequado e competente da socialização dos indivíduos, assim como para dar respostas a seus problemas e necessidades sociais.

Para ele, a qualidade da educação social está em dar respostas a novas necessidades socioeducativas que o atual sistema escolar e formal não pode satisfazer por motivos de saturação, rigidez ou excessivo formalismo. Seu âmbito de atuação discorre predominantemente dentro da educação não-formal, ou extra- escolar – termo também usado por Pérez. – e abarca uma pluralidade temática e multidisciplinar fronteira com outras disciplinas e perfis sociais, culturais, escolares, de saúde, psicopedagógicos e jurídicos. As modalidades mais importantes da educação social são: educação de adultos, educação especializada, formação sociolaboral, animação sociocultural e tempo livre.

Focalizada na modalidade de educação não-formal, a transmissão do conhecimento acontece de maneira não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de o aprendizado não ocorrer, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo de ensino/aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender.

A educação não-formal deveria ser acessível a todas as classes sociais, embora no Brasil seja uma prática para a camada de nível socioeconômico mais baixo da população; o trabalho com essa modalidade educativa não implica e nem exige, em princípio, uma diferenciação de classes. Para que as atividades propostas se viabilizem na prática, é necessário existir uma postura de sensibilidade por parte dos educadores que nelas trabalharão para, num primeiro momento, captar os anseios e os conhecimentos que as crianças, jovens, adultos e idosos, de grupos sociais diferentes e pertencentes a contextos sociais e culturais distintos, transmitem, através de suas

histórias de vida. Só assim será possível construir um diálogo a partir dos conhecimentos oferecidos por essa população e da bagagem acumulada pelos educadores. (SIMSON, PARK e FERNANDES, 2007).

As colocações acerca da referida modalidade de educação ao longo do capítulo, me possibilita concluir que as características citadas por Almerindo Afonso, são as que mais se aproximam da realidade das instituições que pesquisei.

Um dos aspectos dessa modalidade educacional nas instituições pesquisadas é o fato de tal modalidade considerar e reavivar a cultura dos indivíduos nela envolvidos, fazendo com que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, fazendo com que essa realidade perpassasse todas as atividades. Uma outra característica apontada por Almerindo e que aparece no programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas, é o caráter voluntário presente em algumas atividades desenvolvidas (artesanato, coral, algumas apresentações de dança, musicais feitas por ONGs, etc.).

Um outro aspecto presente nas atividades das instituições pesquisadas é o fato de que elas promovem sobretudo a socialização, a solidariedade, visam o desenvolvimento, e preocupam-se com a mudança social.

"No cotidiano você vai vendo também as necessidades, então você pode ir mudando (referindo-se a mudanças que podem ser feitas em função das demandas dos idosos). E conforme eles vão querendo saber, eu vou passando pra eles. O importante é que eles saiam daqui felizes. Eu sempre falo pra eles, nosso ponto crucial é esse: não importa o que eles façam aqui dentro, se eles erram, se eles acertam, o que importa é que tudo que eles aprendam aqui, eles levem pra fora. Eu me preocupo não com que eles tão fazendo aqui dentro, mas como está sendo a relação deles lá fora com os netos, com os filhos. Por isso que eu falo dos acessos". (Trecho de entrevista realizada com Marisa Mathias, educadora do projeto Educação Legal, do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos).

"No começo viajamos bastante... Conhecemos bastante cidadezinhas. Águas de São Pedro, Águas da Prata... Nós fizemos um programa, nem sei como chama aquele programa, visitamos o bosque, o museu, a catedral, tiramos fotos, bastante fotos no domingo de manhã que não tem ninguém na cidade, nós tiramos bastante fotos dos prédios mais antigos, foi bom. Depois nós fomos também pra Unicamp, numa pesquisa lá, nós éramos dezoito pessoas, foi muito bom"

(Trecho de entrevista realizada com a senhora Idelina, do programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas).

## **Voluntariado e Educação Não-Formal**

Esta polaridade: Voluntariado e Educação Não-Formal é uma das questões mais candentes das discussões contemporâneas sobre educação, em seu sentido mais amplo.

Há grupos que defendem o exercício do voluntariado, como uma forma de aprendizagem para os próprios voluntários.

Há outros que, avaliando a crescente importância na sociedade contemporânea da educação fora da escola, propugnam que ela deve ser realizada por profissionais muito bem preparados e com responsabilidade, envolvimento e conscientes de seu papel de educadores.

Durante o tempo em que fiz estágio nas instituições pude perceber em uma delas, no caso, o Programa Saúde Toda Vida, iniciativa da Cooperativa Unimed de Campinas, a presença de voluntários, seja na apresentação de atividades culturais, artísticas, seja colaborando na recepção dos idosos no encontro das terças-feiras à tarde, no preparo do café, nas aulas de artesanato, no coral, etc.

### **Segundo Fabíola Sparapani:**

“Hoje a gente tem sete voluntários nesse programa, a gente divulga no jornal da Unimed, o expresso interno que vai pra mais de quinhentas mil pessoas que é o número de clientes da Unimed hoje. Ultrapassamos as quinhentas mil pessoas. Então assim, a gente sempre divulga o programa pra esses clientes, divulgando o programa Saúde Toda Vida e abrindo para o voluntariado. Esses voluntários nos ajudam na parte de controle de frequência, servem o café, e mesmo em algumas atividades que a gente mesmo conduz, eles participam de teatro, de algumas homenagens especiais, então elas (referindo-se às mulheres do grupo voluntário) têm participação ativa aqui com a gente. (...) os voluntários também atuam no grupo de artesanato, teatro, coral e essas apresentações que nós fazemos aqui também, de músicas, danças a maioria delas são voluntárias. Então, por exemplo, algumas apresentações das terças-feiras são voluntárias. E a gente sempre procura estar trazendo ONG's, pra tá apresentando alguma coisa aqui, porque tem ONG's que trabalham com mulheres, meninas, então eles sempre têm grupos de danças ou teatro, alguma coisa. Então pra divulgar a ONG, e até pra conseguir voluntários pra ela a gente sempre deixa um espaço aberto pra ela, pra eles apresentarem o trabalho que eles desenvolverem lá pro pessoal e também estar captando novos voluntários.” (Trecho de entrevista

realizada com Fabiola Sparapani, assistente social e coordenadora do Programa Saúde Toda Vida – Unimed Campinas).

Segundo FRANCO e BORBA (2007), o termo voluntariado, também conhecido como ação/trabalho voluntário, refere-se a uma ou a um conjunto de ações, sem coerção, de caráter auxiliador que é desenvolvida sem visar qualquer ganho financeiro; envolve sempre algum tipo e nível de doação, seja de tempo, dinheiro, talento, saber popular, técnico, gerencial, entre outros.

As autoras colocam que, atualmente existe uma variedade de possibilidades de ação voluntária, sendo que o voluntário, a pessoa que atua, define qual atividade irá realizar, quanto tempo poderá dispor e o público para o qual vai se voltar. Essas escolhas baseiam-se em aspectos motivacionais próprios, que transitam, geralmente, entre os campos das crenças religiosas, ideológicas, econômicas (com destaque à responsabilidade social empresarial) e, na maioria das vezes, com o intuito da melhora pessoal no campo emocional, profissional e/ou social.

PARK, FERNANDES, BORBA, FRANCO, MADI e SOUZA (2006) colocam que o ano de 2001 foi considerado o Ano Internacional do Voluntariado, e no dia 5 de dezembro oficializa-se e comemora-se mundialmente o Dia Internacional do Voluntariado.

Segundo as autoras, ações dessa natureza surgem em razão do sancionamento de uma lei pela Presidência da República, assinada por Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1998, que regulariza e legaliza essa prática adotada de forma generalizada para os sujeitos da sociedade civil e nas organizações do “terceiro setor”, na atualidade.

A Lei 9.608/98 diz que se considera serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não-remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer

natureza ou instituição privada de fins não-lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

O parágrafo único da lei 9.608/98 diz que o serviço voluntário não gera vínculo empregatício nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

O termo “voluntário” designa alguém que se mobiliza e se dedica espontaneamente a fazer algo porque gosta ou sabe fazer, mas na contemporaneidade a esse significado se agregam duas outras condições: o de não-recebimento de remuneração em troca e a tendência à profissionalização. Isso gera uma gama de ações voltadas para a formação desses sujeitos com vistas a treinamento ou capacitação permanente sobre suas habilidades, suas disponibilidades, seu papel nas instituições e na sociedade, sua contribuição para o bem comum e pessoal e, portanto, o cumprimento de uma benfeitoria à sociedade e à humanidade, traduzida pelo slogan “faça a sua parte”. (PARK, FERNANDES, BORBA, FRANCO, MADI e SOUZA, 2006).

Carvalho (2000) é citado pelas autoras, ao fazer sua revisão conceitual sobre o termo neoliberalismo. O autor enfatiza “que este não está muito claro como doutrina política ou econômica e que, na realidade, o conceito é um tanto escorregadio”. (2006, p.97).

Segundo as autoras, mesmo que o conceito de neoliberalismo como opção econômica e filosófica de governo de um país e, por consequência, de seus sujeitos-cidadãos, não adquira contornos precisos de definição, os efeitos de uma política adotada a partir dos anos 1990 com repercussões e ressonâncias na atualidade podem ser vistos, em termos de uma adoção pela sociedade civil, de forma organizada ou individual, de ações que seriam de responsabilidade do Estado visando ao bem-estar

social. É o chamado “terceiro setor”, mobilizando recursos humanos, infra-estrutura, investimentos e parcerias para criar condições de autosustentabilidade, criando ao mesmo tempo as demandas de público para atendimento e as redes de suporte e parcerias que estruturam e mantêm suas ações.

Serra (2003) também é citado pelas autoras, ao referir-se ao terceiro setor como uma nomenclatura político-ideológica de orientação neoliberal, significando uma estratégia de legitimação das respostas oficiais às metamorfoses da “questão social” na era das transformações societárias do capital e no âmbito do Estado.

Segundo as autoras, o período neoliberal é compreendido a partir da década de 80 em termos internacionais e no Brasil, a partir da década de 90. Essa expressão começou a ser utilizada no Brasil para designar um determinado universo de organizações e instituições da sociedade civil.

O “terceiro setor” insere-se em diversos países com bases históricas diferentes. GOHN (1999) coloca que nos EUA, o “terceiro setor” insere-se no mundo dos negócios (no mercado), como “associações voluntárias, sem fins lucrativos” e que favorecem ao empresariado apoiar ou investir neste setor como forma de diminuir o pagamento de taxas e impostos. Na Inglaterra, o “terceiro setor” associa-se à memória religiosa apoiando a filantropia, de uma forma um pouco mais moderna, menos assistencialista. Com a junção de elementos humanistas, acaba também por abrir espaço para articulações com a posição norte-americana, no que se refere ao mercado, e dá origem também à filantropia empresarial.

Conforme PARK et al, após a Segunda Guerra Mundial, as ONG's (Organizações Não-Governamentais), inseriram-se no “terceiro setor”. Inicialmente a nomenclatura ONG esteve ligada à ONU (Organização das Nações Unidas) e referia-se

a entidades não ligadas aos governos, mas com atuação significativa na sociedade. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Cruz Vermelha internacional, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), são alguns exemplos dessas entidades.

No Brasil, nas décadas de 70 e 80, formaram-se ONG's para atuarem no campo da organização popular e da luta por direitos, e estas organizações tiveram influência nos movimentos sociais urbanos que demarcaram um cenário de participação da sociedade civil, contribuindo para a queda do regime militar e na transição democrática do país.

A partir dos anos 90, as agências internacionais financiadoras voltaram-se para a redemocratização do leste europeu e com isso as ONG's brasileiras perderam o financiamento e foram obrigadas a se reorientarem pela geração de recursos próprios e luta por acesso a fundos públicos. A partir dessa reorientação, as atividades produtivas ganham prioridade nas atividades das ONG's, deixando a militância política em segundo plano.

Assim sendo, o crescimento das ONG's como fenômeno mundial faz com que o "terceiro setor" seja atualmente, caracterizado como um novo setor da economia, chamado de "economia social".

Na prática, segundo as autoras, o "terceiro setor" parece ser um caminho para a articulação conjunta entre movimentos sociais, "empresas-cidadãs", associações comunitárias, algumas fundações e entidades tradicionais filantrópicas. Este conjunto de entidades está conseguindo avançar, principalmente nos aspectos normativos e na legislação relativas ao trabalho do "voluntariado", sem vínculo empregatício e nem

obrigações empregatícias ou previdenciárias, sem direito à sindicalização ou apoio de qualquer movimento de classe.

Para as autoras, o discurso do voluntariado se propõe a servir tanto para o desempregado dito “momentâneo”, como alternativa nesse “interim”, quanto para o sujeito empregado, que agrega diferencial ao seu currículo e à sua imagem de cidadão na atualidade. Hoje ser cidadão é ser participativo de forma voluntária e ao não fazer a opção por isto ou não pregar e divulgar tal discurso há um prejuízo ético e moral que procura incutir nos sujeitos e na sociedade mais ampla, a visão de pessoas descomprometidas com o social e com a comunidade, que não “fazem a sua parte” e que não se doam pelo bem comum, culpabilizando-as de certa forma, pela não-concretização de um ideário e de uma “cultura” de transformação social.

PARK, FERNANDES, BORBA, FRANCO, MADI e SOUZA (2006), enfatizam que como pesquisadoras, técnicas, sujeitos implicados, diretamente e indiretamente nas problemáticas do voluntariado, não lhes cabe o julgamento dos desdobramentos das ações voluntárias no âmbito das micro-relações, e muito menos a atribuição de algum valor de juízo, denotando uma estigmatização, dos sujeitos que desempenham esse tipo de atividade. Porém ressaltam que o objetivo de tal discussão é contribuir com um olhar que se pretende reflexivo sobre o voluntariado assumido como uma categoria de trabalho e um projeto ideológico do Estado, pretendendo ainda polemizar questões, situações, que a um olhar ingênuo parecem estar dissociadas de um panorama mais macro, de escolhas políticas e econômicas estabelecidas e escolhidas, em última instância, por todos nós, na medida em que vivemos num país que se assume democrático.

Concordo com as autoras quando dizem que não nos cabe julgar os desdobramentos das ações voluntárias no âmbito das pequenas relações, e muito menos atribuir algum valor de juízo, censurando os sujeitos que desempenham esse tipo de atividade. Porém, como elas mesmas ressaltam, o objetivo dessa discussão é desenvolver uma visão mais reflexiva sobre o voluntariado.

É importante atentarmos para o fato de que, mesmo havendo benefícios para os sujeitos que participam da ação voluntária, como a troca de saberes e experiência, a convivência em grupo, o conhecimento de oportunidades sociais de atuação, e inclusive a diminuição de casos de depressão, isolamento social, e favorecimento da independência e da autonomia nos sujeitos envolvidos com esse tipo de trabalho, é preciso pensar o papel do incentivo ao voluntariado por parte de empresas ou instituições, e que interpretações a natureza de tais práticas podem suscitar. Sejam estas relacionadas ao estreitamento de relações entre os sujeitos e seus interesses, à apresentação do marketing social das empresas junto à sociedade, à própria qualidade do trabalho desenvolvido, posto que é voluntário, e a pessoa participa porque quer e quando pode, etc. Pois como bem dizem as autoras, as situações não ocorrem dissociadas, elas ocupam uma extensão maior pois estão relacionadas à questões políticas e econômicas, estabelecidas em última instância por nós mesmos, quando fazemos uso do nosso direito de escolha.

## **Histórico e descrição das instituições pesquisadas**

Para embasar minha pesquisa, fiz estágio em dois programas na macro região de Campinas, que desenvolvem atividades para idosos.

Um deles é o Programa Saúde Toda Vida, que realiza suas atividades no Clube de Cultura Artística localizado à Rua Irmã Serafina, nº. 937, Centro, Campinas. O local é de fácil acesso, pois tem ponto de ônibus à frente do clube, além do que várias pessoas moram no centro e vão a pé para esse espaço de convivência.

O Programa surgiu em abril de 1999, num evento de lançamento do mesmo na Lagoa do Taquaral e é uma iniciativa da Unimed Campinas. Na época, segundo a assistente social Fabíola Sparapani, a diretoria da Cooperativa, ao conhecer outros programas voltados à terceira idade se interessou em desenvolver atividades de cunho social para a população idosa de Campinas. Então desenvolveram o Programa Saúde Toda Vida com o intuito de favorecer o bem-estar de pessoas com mais de 55 anos, clientes ou não da Cooperativa. O objetivo é promover a qualidade de vida do idoso, resgatando a cidadania e evitando a exclusão social, contribuindo para que este se sinta parte integrante da sociedade. Focalizado na promoção de saúde e qualidade de vida, o programa desenvolve atividades de prevenção de doenças, socialização, cultura e integração social realizadas através de encontros semanais. Atualmente o programa é coordenado por Márcia Mainardes e Fabíola Sparapani, assistentes sociais, que realizam um trabalho com esses idosos há 4 anos.



*Evento de lançamento do Programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas, realizado na lagoa do Taquaral. (Abril/1999)*

Dentre as atividades desenvolvidas pelo programa, há o Grande Encontro das terças-feiras á tarde, no qual um maior número de idosos toma parte, pois são ministradas palestras com assuntos diversos, sejam estes relacionados a aspectos de prevenção de doenças, aspectos educativos sobre qualidade de vida. Também há atrações culturais e artísticas, festas, bailes, nesse dia da semana. Nos demais dias da semana, o programa também oferece a ginástica adaptada para a terceira idade, o alongamento, o artesanato, a dança coreográfica, o coral, a sessão cinema (uma vez por mês), onde são passados filmes indicados pelos próprios idosos. Há também o grupo relacionado às síndromes metabólicas, que se reúne em palestras, nas quais são abordados temas relacionados à obesidade, diabetes, hipertensão, tabagismo, colesterol entre outras doenças.



*Atividade de alongamento e ginástica, dirigida pelo professor de educação física, Domingos Neto, em um espaço adaptado no salão do Clube de Cultura Artística. (Programa Saúde Toda Vida - julho/ 2007)*

Atualmente o programa tem em média duzentos idosos fixos, sendo uns 15% homens e 85 % mulheres. Em eventos especiais como festa junina, dia das mães, encerramentos de semestre, um maior número de pessoas, cerca de trezentas, comparecem a este espaço de convivência.

O programa conta com o trabalho de duas assistentes sociais contratadas pela Unimed, uma estagiária, um professor de ginástica e dança, e alguns funcionários da medicina preventiva que trabalham com o grupo de síndromes metabólicas. A iniciativa também recebe ajuda de alguns voluntários que ajudam na parte de controle de frequência, ajudam a servir o café para os idosos nas atividades das terças-feiras à tarde, e também participam das atividades que acontecem no programa, como algumas homenagens especiais, atuam no grupo de artesanato, de teatro, e no coral. Em

algumas apresentações musicais, de danças, algumas ONG's também participam, como grupos, desenvolvendo e mostrando o seu trabalho no programa.



*Apresentação de danças do Grupo Primavera, em comemoração aos oito anos do Programa Saúde Toda Vida, no salão do Clube de Cultura Artística. (abril/2007)*

A outra instituição em que fiz estágio é o Centro Municipal de Convivência do Idoso, localizado na cidade de Valinhos à Rua Antônio Carlos, 474, Centro. Neste espaço de convivência de idosos, acontece o Programa de Atendimento ao Idoso, atualmente coordenado por Cristiane Braido, assistente social e que realiza há três anos e sete meses, um trabalho com os idosos.

Esta instituição conta com os serviços de duas assistentes sociais, de uma fisioterapeuta, de três educadores físicos, de uma professora do Projeto Educação Legal, uma professora de canto, de professoras de artesanato, de agentes

administrativos, de uma psicóloga e de auxiliares de serviços gerais. Todos estes profissionais são pagos pela prefeitura do município de Valinhos.

A idéia inicial do programa nasceu em 1982, quando acontecia no município de Valinhos uma semana de palestras relacionadas à saúde. Ao longo da abordagem dos temas nessa semana, falou-se sobre a importância do idoso envelhecer de maneira saudável e com qualidade de vida. Então, a partir deste evento, surgiu o interesse, por parte de algumas senhoras (na faixa de 50 anos de idade) presentes às palestras, em lutar para que realmente houvesse algo para a faixa etária delas. Então fizeram um pedido para a prefeitura, e começaram a ser feitas algumas ações, através da secretaria de assistência social. A partir desta solicitação, a assistente social da época, começou a visitar alguns bairros, e as pessoas ali presentes eram convidadas a participar de atividades que pudessem contribuir para a melhoria de sua qualidade de vida.



*Palestra realizada por um médico, sobre hipertensão, no bairro Bom Retiro (em 1983) na cidade de Valinhos, com grande participação de idosos.*

Num primeiro momento, surgiram três primeiras atividades em três bairros, diversos idosos começaram a receber atividades de ginástica adaptada à terceira idade. Numa parceria com o departamento de assistência social e com a secretaria do esporte, esses grupos foram se formando. Inicialmente três grupos tinham atividades de ginástica, duas vezes por semana, e depois tais grupos foram se expandindo. A demanda aumentou e a ginástica começou a acontecer em outros bairros também. Atualmente o programa é desenvolvido no Centro de Convivência, mas também em mais 14 bairros do município, oferecendo atividades físicas duas vezes por semana e realizando encaminhamentos à rede de serviços de acordo às necessidades e demandas dos idosos, através dos técnicos/professores responsáveis. Os idosos podem ser encaminhados pelo serviço social do programa, para serem atendidos no Centro de Referência da Família, no posto de saúde, ou ainda em departamentos da prefeitura ou várias entidades locais.

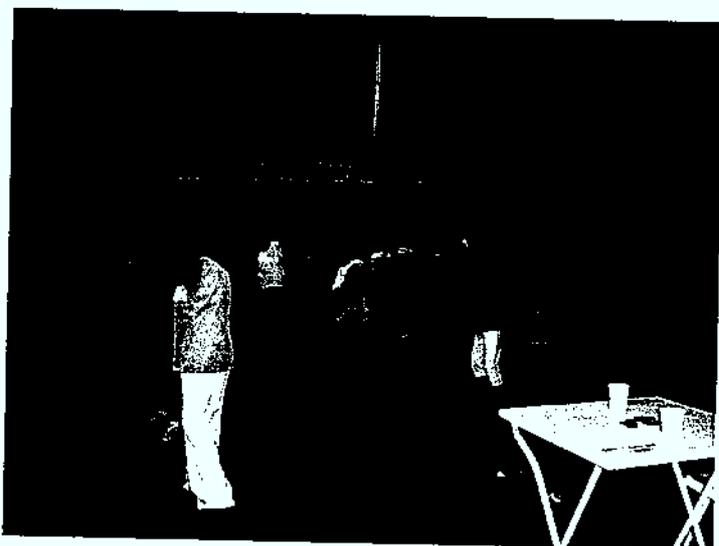
Efetivamente criado em 1983 e coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Habitação, o Programa de Atendimento ao Idoso, para desenvolver suas ações também conta com a parceria de outras secretarias municipais: como a secretaria de Esportes e Lazer, e a secretaria de Cultura. O programa tem como objetivo, oferecer espaços de convivência, através de atividades que contribuam com a qualidade de vida e a possibilidade de um processo de envelhecimento saudável. A divulgação das atividades oferecidas pelo Programa é veiculada através de um folder de programação bimestral, através da mídia escrita e falada, isto é, a rádio comunitária do município.



*Atividade de Ginástica, realizada no Bairro Boa Esperança (em 1983), na cidade de Valinhos.*

O Programa de Atendimento ao Idoso de Valinhos desenvolve várias atividades, dentre as quais podemos destacar uma programação bimestral, divulgada através de um folder. Essa programação é móvel, ou seja, pode ser que aconteçam algumas atividades em determinado mês e no outro não; os profissionais sempre tentam trabalhar algo novo. Dentro dessas atividades, há: Hoje é Dia de Cinema, em que uma vez por mês passa-se um filme para os idosos assistirem; também há palestras educativas, palestras sobre saúde; torneios de jogos de salão; gincanas culturais na semana do idoso em setembro; matinê dançante; um projeto denominado Quadrado de Amor, que é uma iniciativa das próprias idosas há cerca de dez anos. Elas fazem crochê em forma de quadrados, juntam e emendam esses quadrados, e formam uma colcha que é doada (de acordo à sugestão das idosas) para pessoas ou instituições carentes, na época do inverno. Também, há curso de artesanato (bijuteria, tear manual, boneca) que possibilitam a geração de renda, por parte dos participantes. As atividades

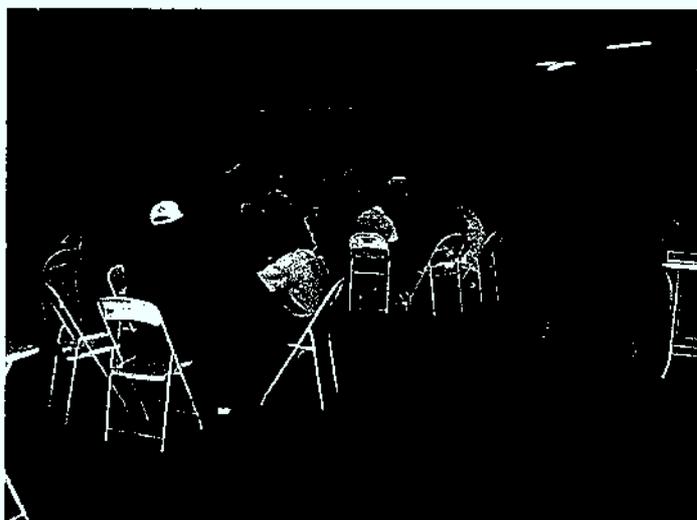
denominadas permanentes, não móveis, são: o projeto Educação Legal, um projeto de alfabetização criado a partir da solicitação dos idosos deste centro de convivência e que atualmente tem cerca de 60 alunos; atividades esportivas de ginástica, ginástica rítmica, ginástica terapêutica harmônica, lian gong, jogos de salão, grupo canto livre (um grupo que não é um coral, pois as senhoras não participam para aprender técnica vocal e cantar como coral), elas só vão para se encontrar e viver o prazer de cantar. E há também uma biblioteca que atende aos idosos que tem o hábito da leitura.



*Ensaio de dança coreográfica, realizado pela professora de educação física Maria José (em Abril/2007, no salão de atividades do Centro Municipal de Convivência da Terceira Idade, na cidade de Valinhos)*

Atualmente, cerca de 1100 pessoas participam do programa. São poucos os homens participante, eles não chegam a 100. A presença de mulheres nas atividades desenvolvidas, é predominante. Havia um projeto de pescaria denominado Peixe e Cia, e que concentrava um número grande de homens, mas devido a problemas com a febre maculosa, em função da presença do carrapato estrela no espaço aonde

acontecida a atividade, esse projeto foi cancelado. Ele já não acontece há alguns anos, e não pode ser retomado porque a decisão está na instância do IBAMA. Outra atividade em que os homens se concentram é nos jogos de salão, porém ainda há poucos participando, cerca de vinte homens.



*Torneio de Jogos de Salão (em Abril/2007), realizado pelo Programa de Atendimento ao Idoso, na cidade de Valinhos.*

Quanto à participação nas atividades, pelos idosos dos dois programas pesquisados, apresento a seguir, duas tabelas com algumas informações que nos permitem visualizar a forma como esta participação está organizada ao longo da semana nas diferentes atividades.

Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos:

<b>Atividades desenvolvidas no Programa</b>	<b>Nº de Participantes</b>
Artesanato	20
Atividade de Educação Física (Ginástica)	600
Canto Livre	15
Ciclos de Palestras	100
Ginástica Rítmica	20
Ginástica Terapêutica Harmônica	200
Hoje é Dia de Cinema*	100
Jogos de Salão	30
Lian Gong	50
Matinê Dançante	40
Projeto Educação Legal	40

O Programa atende cerca de mil idosos nas diferentes atividades, e a rotatividade desses no Centro de Convivência de Valinhos, gira em torno de 2000 mil pessoas por mês.

Programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas:

<b>Atividades desenvolvidas no Programa</b>	<b>Nº de Participantes</b>
Artesanato	13
Coral	33
Curso de Síndrome Metabólica	30
Curso de Teatro	6
Dança Coreográfica	29
Ginástica e Alongamento	70
Grande Encontro (realizado às terças feiras à tarde)	200 ou + (conforme o evento do dia)
Sessão Cinema *	40 ou +

No Programa Saúde Toda Vida, promovido pela Unimed Campinas, o número de idosos presentes no Grande Encontro das terças-feiras à tarde, pode ser alterado dependendo do evento que estiver acontecendo no dia, podendo chegar a um número de trezentos participantes.

\* essas atividades acontecem mensalmente.

## Portraits dos entrevistados em ambas as instituições pesquisadas

### Freqüentadores



Nome: Catarina Martins.

Idade: 60 anos.

Nível de escolaridade: 2ª série do ensino fundamental.

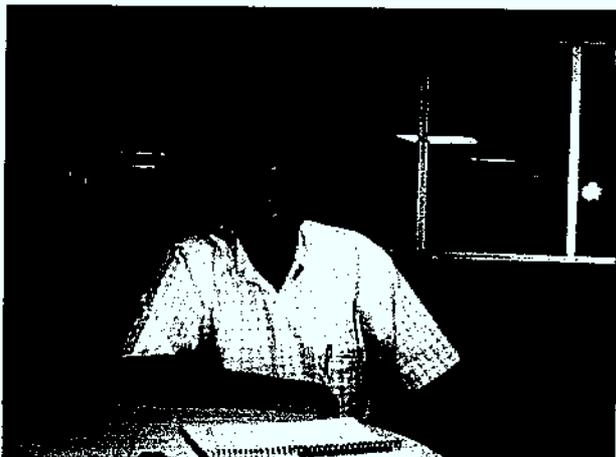
Local de nascimento: Cristina – Minas Gerais.

Mora em Valinhos há 43 anos.

Trabalhava em uma casa de família, na Chácara Santo Antônio, no bairro Macuco.

Ainda não está aposentada, contribui com a previdência com recursos próprios.

Freqüenta o Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 10 anos.



Nome: Antônio Armando Figueira.

Idade: 73 anos.

Nível de escolaridade: Ensino médio.

Local de nascimento: Funchal – Ilha da Madeira - Portugal

Mora em Valinhos há 8 anos e meio

Trabalhou na Indústria Matarazzo.

Está aposentado há 23 anos.

Freqüenta o Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 8 anos e meio.



Nome: Albina Rosa de Godoi Pedroni.

Idade: 67 anos.

Nível de escolaridade: 2º grau técnico – magistério..

Local de nascimento: Lindóia – São Paulo.

Mora em Valinhos há 28 anos.

Trabalhou em escolas nas cidades de São Paulo e Valinhos.

Está aposentada há 5 anos.

Freqüenta o Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 5 anos.



Nome: Idelina Alves de Faria Fredericci.

Idade: 76 anos.

Nível de escolaridade: Ensino fundamental completo.

Local de nascimento: Pedregulho - SP.

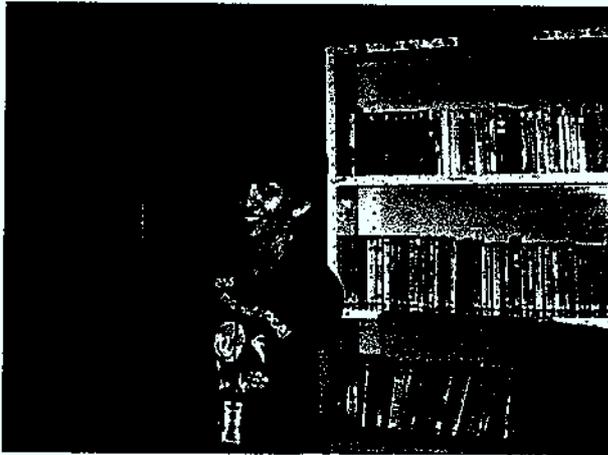
Mora em Campinas há 67 anos.

Trabalhou na Indústria Matarazzo e na Aoki (embalando balas).

É pensionista há 4 anos.

Freqüenta o programa Saúde Toda Vida (iniciativa da Unimed Campinas) há 8 anos.

## Educadores



Nome: Marisa Adriana Galvão Mathias da Silva.

Idade: 44 anos.

Nível de escolaridade: Ensino superior (cursando pedagogia).

Local de nascimento: Araçatuba – São Paulo.

Mora em Valinhos há 21 anos.

Atua no Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 1 ano e meio.



Nome: Cláudia Miriam Wiffler.

Idade: 43 anos.

Nível de escolaridade: Ensino superior (educação física).

Local de nascimento: Valinhos – São Paulo.

Mora em Valinhos há 43 anos.

Atua no Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 18 anos.



Nome: Domingos César Santos Neto

Idade: 30 anos.

Nível de escolaridade: Ensino superior (educação física) e pós graduação em fisiologia do exercício..

Local de nascimento: Campinas – São Paulo.

Mora em Campinas há 30 anos.

Atua no programa Saúde Toda Vida (iniciativa da Unimed Campinas) há 7 anos.



Nome: Cristiane Aparecida Braido daSilva.

Idade: 29 anos.

Nível de escolaridade: Ensino superior (assistente social).

Local de nascimento: Campinas – São Paulo.

Mora em Campinas há 29 anos.

Atua no Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos há 3 anos e 7 meses.

Nome: Fabíola Sparapani

Idade: 28 anos.

Nível de escolaridade: Ensino superior (assistente social) e pós-graduação em gestão de pessoas.

Local de nascimento: Campinas – São Paulo

Mora em Campinas há 28 anos.

Atua no programa Saúde Toda Vida (iniciativa da Unimed Campinas) há 4 anos.

\* preferiu não ser fotografada.

## Quem são os educadores dos idosos:

### Formação

### Relação educador e idoso

"A nova realidade social a ser parida também por nós educadores é mais do que uma espera (nostalgia do futuro); é um escavar no hoje de nossas práticas à procura daquilo que hoje pode ser feito. Esse hoje é uma das pontas do nó do futuro a ser desatado, fruto de situações que não se alteram por si mesmas nem se resolvem com um "ah se eu pudesse...", no meu tempo". ... Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que já se encontra, em gestação, o amanhã. Não um amanhã qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos **possibilidade**". (CORTELLA, 2004, páginas 158 e 159)

As instituições pesquisadas contam com o trabalho de alguns profissionais diretamente ligados às atividades, oferecidas aos idosos que delas participam.

Em Valinhos, por exemplo, o Programa de Atendimento ao Idoso conta com o trabalho de três profissionais da área de educação física, uma fisioterapeuta que desenvolve a ginástica harmônica e uma professora alfabetizadora, de um projeto denominado Educação Legal. Em se tratando da formação das educadoras físicas, uma delas, Cláudia Wiffler, que trabalha com a atividade de ginástica há 18 anos neste programa, na entrevista que fiz, ao questionar acerca de sua formação, mencionou que não teve uma formação especializada, porque na época em que se formou em educação física não tinha especialização nessa área, que é a de educação física para grupos de terceira idade. Ressalta que teve uma pequena abordagem sobre o tema, pois segundo a educadora, quando cursava a faculdade, sua classe foi dividida em equipes que ficaram responsáveis em pesquisar temas relacionados ao trabalho com a terceira idade, porém encontraram pouca coisa acerca do assunto, porque na época não havia muito material nacional. Era material de fora e sem tradução, então tiveram dificuldade para realizar a pesquisa solicitada.

Relembra que começou a trabalhar com os idosos em Valinhos, valendo-se de informações que obteve em simpósios, seminários, palestras e conversas com outros profissionais que trabalhavam com a terceira idade. Segundo a educadora, foram trocas de idéias e experiências, e assim muita coisa que viam em locais onde havia atividade para a terceira idade, ela e as demais companheiras de trabalho traziam para Valinhos. Comenta também que o bom trabalho dos profissionais do Programa de Atendimento ao Idoso e a dedicação os levaram a ser convidados para falar sobre a atividade física na terceira idade, em bairros, grupos, e na própria faculdade.

Quanto a educadora do projeto Educação Legal, Marisa Mathias, ela está cursando pedagogia e começou a trabalhar no Programa há um ano e meio, por indicação da ex- professora do projeto. Segundo Marisa, a ex- professora dizia que ela tinha o perfil para trabalhar com os idosos, pois muitas vezes não são todas as pessoas que eles aceitam na realização, deste tipo de trabalho.

Já no Programa Saúde Toda Vida, iniciativa da Unimed Campinas, o professor de educação física, Domingos César Santos Neto, está há sete anos trabalhando com o pessoal da terceira idade. Segundo Neto, numa viagem em que havia várias pessoas do segmento idoso presentes, após realizar algumas atividades com essas pessoas, acabou sendo convidado por uma das assistentes sociais da época para trabalhar no programa.

Comenta que tem formação especializada para trabalhar com esse tipo de público, é formado em educação física, e pós-graduado em fisiologia do exercício. Inclusive, segundo Neto, na pós-graduação que fez, um dos módulos era sobre como trabalhar com a terceira idade, dentro da fisiologia do exercício.

Ele desenvolve atividades de dança, ginástica localizada, atividade neuromuscular e de alongamento, e de flexibilidade.

As atividades das terças-feiras à tarde, apresentações musicais, teatrais, tarde de talentos, palestras educativas e preventivas, são coordenadas pelas assistentes sociais Fabíola Sparapani, com pós - graduação em gestão de pessoal, e Márcia Mainardes, pós-graduada com gestão em recursos humanos e em terceiro setor, que participam do programa há quatro anos.

Apesar de a palavra educador ser definida como quem educa, percebemos que em toda e qualquer atividade em que há interação entre pessoas, há sempre troca de idéias e experiências, nada acontece de forma isolada, todos os envolvidos neste processo são afetados pelos fatores que o permeiam.

SÁ (2006) coloca que a resposta para o questionamento, "até quando um homem deve educar-se, depende da finalidade que se atribui à educação. Se ela estiver voltada para o processo de humanização e de transformação social, com possibilidades de formação do homem integral, logo, o processo educativo é algo permanente e co-existente à própria vida". (2006, p.293)

Segundo a autora, descobertas das biociências mostram a estreita relação entre viver e aprender. Os seres vivos, de maneira flexível e adaptativa, aprendem desde o nascimento até a morte.

A autora enfatiza que o aluno idoso é um ser vivencial. Ele "saboreia" cada minuto de sua vida, reconhecendo-lhe o valor. Apresenta um nível surpreendente de envolvimento pessoal, à sua moda, com as características que lhe são próprias. A sua crescente sabedoria lhe permite uma maior capacidade de julgamento. A

elementaridade o faz distinguir entre o banal e o fundamental. Ele está no momento de melhor avaliação crítica da vida, em virtude das experiências acumuladas.

Como bem elucidam SPAZZIANI e BIASOLI (2007), a educação não pode constituir-se em uma ilha, não pode estar isolada das necessidades sociais e históricas que a engendram e a permeiam. A experiência no processo educador, assim como todas as coisas na vida, acontece de forma sistêmica, não existe isolada da realidade sócio-política e histórica. A percepção dessa realidade é que precisa ser alterada para a compreensão das diferentes especificidades que envolvem o processo de formação das pessoas, primordial para uma visão coletiva do conjunto.

Segundo as autoras, as trocas assumidas e possibilitadas no processo coletivo, seja de saberes ou de experiências, podem transformar o trabalho de formação das pessoas em uma prática mais rica, mais reflexiva e cheia de possibilidades. As trocas são constantes entre a comunidade de aprendentes e de ensinantes que precisam comunicar-se. Esses encontros fortalecem relações afetivas, melhoram o processo de pesquisa e de busca cotidiana.

Nesta construção de significados e significantes é que a verdadeira educação se efetiva e passa pela transformação do modo de ver e de pensar o processo coletivo como um processo educador. Essa construção de novos significados está relacionada ao reconhecimento de que somos todos aprendentes e educadores.

CACHIONI (2003), enfatiza que a Gerontologia Educacional tem funcionado como uma oportunidade terapêutica envolvendo a memória, a concentração, a capacidade cognitiva, o aprendizado e a criatividade dos idosos. Tem oferecido novas vias em que, por meio dos programas educacionais, o aluno adulto maduro e o idoso

podem ter acesso ao saber e, com autonomia, podem conquistar melhor qualidade de vida.

Para a autora, o papel do professor é relevante para modificar a imagem do idoso no contexto atual. De um lado há uma visão conservadora e estereotipada da velhice, que impregna a vida social por meio de mensagens explícitas e implícitas de natureza negativa e positiva. De outro, observa-se um novo paradigma sobre o envelhecimento, com novas concepções e atitudes assumidas por profissionais e por idosos que estão em busca de respostas diferentes para o seu próprio envelhecimento. Por meio da convivência com seus alunos idosos, os professores têm tido a oportunidade de quebrar preconceitos, rever falsas crenças e reavaliar sua prática profissional.

Segundo CACHIONI (2003), a educação faz parte do amplo campo de aplicação da Gerontologia. Tal como a Gerontologia, a Educação reivindica o status de área multi e interdisciplinar, fato que, com frequência, confunde os praticantes e os teóricos de ambos os campos. Pertencem ao âmbito de um novo campo interdisciplinar, o da Gerontologia Educacional, a discussão sobre quais devem ser o conteúdo e o formato da educação dirigida a idosos, assim como a maneira como deve ocorrer a formação de recursos humanos especializados para o cumprimento dessas finalidades.

Para a autora, educar o idoso para conhecer e acreditar em suas reais capacidades, desenvolver seus talentos, ensiná-lo a colocar o conhecimento a serviço de sua construção como sujeito, criar oportunidades para que aprenda a enfrentar obstáculos e preconceitos sociais, são ações que significam contribuir para promover a sua qualidade de vida e para o aprimoramento de sua cidadania. Vista dessa forma, a educação para adultos maduros e idosos apresenta-se como uma resposta inovadora

aos novos desafios e demandas sociais, gerados pela emergência de um novo grupo etário e de uma nova fase no curso de vida. Se pensada no contexto da educação ao longo de toda a vida, representa um instrumento promotor de mudança cultural. Tal conjunto de tarefas e metas faz parte do escopo da Gerontologia Educacional, que, nos últimos 30 anos, em vários países, vem se consolidando como campo multidisciplinar e multiprofissional.

Existem várias possibilidades de realização de programas de Gerontologia Educacional, abrangendo educação não-formal, educação formal, atividades visando ao lazer e à sociabilidade, recapacitação profissional, mudança de atitudes e apoio psicossocial, dentre outras.

Para GOHN (2007), as atividades desenvolvidas pelo educador devem não apenas mapear o presente, mas também levantar prognósticos. As possibilidades que o futuro oferece são uma força que alavanca mentes e corações em busca de mudanças. A esperança – fundamental aos seres humanos – reaviva-se quando trabalhamos com os sonhos e desejos de um grupo.

Segundo a autora, o principal instrumento do educador social é o diálogo. Não o simples “jogar conversa fora”, mas o diálogo tematizado, estruturado com base nas propostas das atividades. Somam-se a ele o estudo de fundamentos teóricos e a prática de atividades. O trabalho do educador deve ter, sem dúvida, uma boa dose de espontaneidade, mas só terá um efeito mais profundo se for sustentado em princípios e metodologias de trabalho, que incluem estudo de indicadores socioculturais e econômicos, contextualização da comunidade no conjunto das redes sociais e temáticas de um município e pesquisa histórica.

Para SIMSON, PARK e FERNANDES (2007), a consecução de diretrizes pretendidas, supõe a formação de uma equipe de educadores que trabalhe numa perspectiva transdisciplinar, na qual deverá haver também uma constante avaliação crítica dos trabalhos para esperados redirecionamentos ao longo do processo.

Segundo as autoras, há também necessidade de criar mecanismos que possibilitem uma formação continuada dos educadores que trabalham com educação não-formal, para que se mantenham as características dessa modalidade educativa. Essa formação deve ser, também, patrocinada e financiada pelas instituições empregadoras, não ficando a cargo apenas de iniciativas individuais e particulares – como é esperado e costuma acontecer, atualmente, nas relações trabalhistas do terceiro setor.

Um outro aspecto observado nas instituições pesquisadas é o bom relacionamento existente entre educadores e idosos no processo de desenvolvimento das atividades.

Há uma relação de bastante amizade, afeto, carinho, troca de experiências como afirmam os educadores e idosos participantes dos dois programas.

Segundo Marisa Mathias, educadora do projeto Educação Legal, do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, às vezes o idoso chega neste espaço de convivência, deprimido, e este espaço acaba se tornando um lugar onde ele elevará sua auto-estima. Segundo Mathias respeita-se as particularidades dos idosos e há uma relação de bastante afetividade entre as partes; procura-se estimular o idoso a reconhecer e valorizar suas capacidades, de maneira a conviver de forma satisfatória no grupo.

Cláudia Wiffler, educadora física, também do programa de Valinhos, diz que aprendeu muito com seus alunos.

"Eu amadureci com eles, eu cresci com eles, é como se você construísse uma casa junto com as pessoas que vão morar dentro. Então cada uma deu uma colaboração; o que você vai colocar aqui, o que você vai fazer ali". (trecho de entrevista realizada com a educadora Cláudia Wiffler)

A educadora física comenta que aprendeu a ver o idoso com outro olhar. Segundo ela, as histórias de vida dessas pessoas nos fazem ter uma visão diferente sobre a velhice, nos fazem eliminar as falsas crenças de que o ser idoso é aquele que está em processo final de vida. Com essas experiências aprendemos que somos capazes de solucionar muitos problemas que antes achávamos difícil resolver. Também enfatiza que sempre teve uma relação saudável com seus alunos, uma relação muito humana, muito legal. Sabe o nome de todas as alunas e gosta muito delas, é uma "convivência", é uma fidelidade de ambas as partes. É uma relação especial, é uma coisa diferenciada, que, segundo Wiffler, não se tem com qualquer pessoa.

"E eu tenho muitos alunos, e eu falo com conhecimento de causa mesmo, não é uma ou outra pessoa de um grupo, eu tenho dez grupos em que dou aula, isso de ginástica". (trecho de entrevista realizada com Cláudia Wiffler)

Da mesma forma, os idosos manifestam essa satisfação nos espaços de convivência pesquisados, como menciona o senhor Florentino em um dos momentos em que eu estava fazendo estágio no projeto Educação Legal do Programa de Valinhos:

"Eu vim de Minas e lá eu também havia começado a estudar, mas a professora não ensinava nada, e olha que lá eu pagava um valor por mês. E aqui a professora tem uma sabedoria! Como pode guardar tudo na cabeça? Ela é paciente e aqui eu nem pago". (registro no diário de campo, de uma conversa do senhor Florentino comigo em 21/03/2007)

No Programa Saúde Toda Vida, iniciativa da Unimed Campinas, percebe-se essa mesma alegria e ânimo, seja nas atividades de ginástica, no artesanato, no grande encontro das terças-feiras à tarde.

Nos momentos que estive presente na instituição, percebi vários idosos se aproximando das assistentes sociais, nos encontros das terças, cumprimentando-as com um sorriso estampado no rosto, com ânimo para participar das atividades. Em muitas ocasiões, vários idosos elogiavam o trabalho de Márcia e Fabíola, recitavam poesias, abraçavam, enfim havia um clima de bastante afetividade entre as pessoas presentes nesse espaço.

Como bem elucida a senhora Idelina numa conversa em um dos momentos de estágio na instituição, a convivência nesse espaço a deixa muito feliz, pois a presença dos amigos, dos educadores e as atividades realizadas, contribuíram muito para o seu relacionamento pessoal, inclusive familiar.

Também se percebe na fala do professor de educação física do Programa Saúde Toda Vida, essa relação de afeto, de encontro, de trocas:

"A relação é de muito carinho. Por que, o que acontece? O idoso tem aquela coisa assim, um dia todo mundo vai embora da casa dele; a maioria das mulheres aqui são viúvas, são avós, os filhos moram em outras casas. Então, quando elas vêm aqui é o encontro delas com as outras pessoas e com o professor, então acaba havendo carinho. Então, às vezes, aquele carinho que ela não tem em casa mais, ou só de vez em quando, ela acaba tendo aqui, duas vezes por semana, três vezes por semana. Então acaba sendo uma coisa muito gratificante, para elas e para mim também. É uma relação de bastante amizade, de muita troca ; de carinho mesmo, acaba sendo". ( Trecho de entrevista realizada com o professor Neto do Programa Saúde Toda Vida)

OKUMA (1998) enfatiza que "o mundo é sempre partilhado com os outros: há uma relação de reciprocidade com influências mútuas. No espaço da coexistência, as pessoas tecem redes que as aproximam e as afastam, organizando o mundo de maneira a assegurar áreas recíprocas de movimentação". (1998, p.28). A autora cita

Forghieri (1993), que se refere a esse espaço como o do encontro e da convivência das pessoas com os seus semelhantes, nomeando-o “mundo humano”. Neste, a relação e a comunicação se fazem, inicialmente, por meio do corpo (gestos, atitudes, expressões corporais) e por meio da linguagem. Segundo Okuma, Forghieri considera essa relação fundamental na existência do homem, pois, através dela, sabemos de nossa existência, a partir do outro.

Ainda, segundo OkUMA, o encontro com o outro não se dá no sujeito, numa apreensão prévia como simplesmente dado, nem tampouco na distinção de um sujeito do outro, na qual se estabelece o referencial da diferença. Esse encontro se dá a partir do mundo em que o ser-aí se mantém, de modo essencial, empenhado nas ocupações do mundo. Em outras palavras, encontramos o outro a partir daquilo que empreendemos, através do envolvimento com o mundo circundante, o que é feito através da ocupação. Ocupamo-nos do mundo por meio da manualidade, que permite receber todo o contexto que o mundo traz e, assim, encontrar o outro. Esse modo de encontro mais próximo e elementar do ser-aí é tão amplo que passa despercebido.

SIMSON, PARK e FERNANDES (2007), enfatizam que faz-se necessário garantir a construção de um vínculo afetivo entre as partes que integram uma proposta que visa a elaboração de práticas significativas para a população envolvida. As atividades educativas, nesta linha, costumam utilizar e explorar as mais diversas formas de linguagem e expressão – corporal, artística, escrita, teatral, imagética -, envolvendo, por exemplo, áreas ligadas ao meio ambiente e às ciências naturais e lógico-matemáticas. Nessa multiplicidade de práticas, encontram-se maneiras de reelaborar a valorização e a auto-estima da população com a qual se trabalha, fornecendo uma

pluralidade de possibilidades de comunicação e, assim, abrindo “canais” para a expansão e a explicitação de sentimentos, emoções e desejos.

“Então, educamos e somos educados. Ao compartilharmos, no dia – a – dia do ensinar e do aprender, idéias, percepções, sentimentos, gestos, atitudes e modos de ação, sempre ressignificados e reelaborados em cada um, vamos internalizando conhecimentos, habilidades, experiências, valores, rumo a um agir crítico – reflexivo, autônomo, criativo e eficaz, solidário. Tudo em nome do direito à vida e à dignidade de todo o ser humano, do reconhecimento das subjetividades, das identidades culturais, da riqueza de uma vida em comum, da justiça e da igualdade social. Talvez possa ser esse um dos modos de fazer pedagogia”.

(LIBÂNEO, 2004)

## **O Grupo de Convivência sob a ótica dos participantes:**

### **a conquista de um envelhecimento saudável e socialmente significativo**

Através da experiência vivenciada nas instituições pesquisadas, percebe-se que os idosos chegaram a estes espaços de convivência seja por indicação de profissionais, de amigos que já freqüentavam o programa, pela divulgação na mídia impressa, por convite da própria instituição, ou ainda pela iniciativa do próprio idoso.

“A gente divulga no jornal da Unimed, o expresso mesmo onde vai pra mais de quinhentas mil pessoas que é o número de clientes da Unimed hoje. Ultrapassamos as quinhentas mil pessoas. Então assim, a gente sempre divulga o programa pra esses clientes”. (Trecho de entrevista realizada com Fabíola Sparapani, assistente social e coordenadora do Programa Saúde Toda Vida da Unimed Campinas)

“Eu sou conveniada a Unimed, e na época (1999), eu recebi um convite, pra eu ir lá na rua Barreto Leme, o número eu não sei; só sei que é na Barreto Leme. A gente começou assim com uma caminhada, na Lagoa do Taquaral, foi menos pessoas; foi assim um início sossegado, um começo. Aí depois (na passeata) eu fiquei sabendo que ela (referindo-se a Unimed) estava fazendo esse projeto, de terceira idade.” (Trecho da entrevista realizada com a senhora Idelina, 76 anos, participante do Programa Saúde Toda Vida, iniciativa da Unimed Campinas)

Um outro exemplo a ser destacado é o da senhora Catarina do projeto Educação

#### **Legal do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos:**

“Foi na separação minha, me deu uma depressão. Aí, meu advogado telefonou na prefeitura e conversou com o prefeito que sabia que tinha uma terceira idade na escola e que eu táva precisando. E aí todo mundo (referindo-se aos filhos) falou: Mãe foi a melhor terapia que a senhora fez e eu tinha medo e muito de ir pro sanatório sabia? Nossa! Mais depois disso... Ah! hoje eu me sinto outra pessoa”. (Trecho de entrevista realizada com a senhora Catarina, 60 anos)

Nas próximas linhas, apresento a manifestação do senhor Armando de Valinhos, com relação ao processo pelo qual conheceu o Programa de Atendimento ao Idoso:

“Justamente como eu falei no princípio. Eu chegando aqui em Valinhos, que eu morava em São Paulo há oito anos e meio atrás, procurei saber como, por coincidência foi na minha rua, eu moro nesta mesma rua. Eu, passando por aqui e vi Convivência da Terceira Idade, então eu me informei, por que, como fazer para poder fazer parte do programa. Até então não sabia nem o que tinha o programa e comecei ir atrás de informação. Como eu sou uma pessoa que gosta de fazer caminhada, sempre gostei há mais de, muitos anos, há mais de vinte anos, então me interessei em fazer alguma coisa para não ficar em casa parado. É aonde descobri a Terceira Idade e estou até hoje, e muito feliz, alegre, hoje além também do programa do idoso, também sou presidente da Terceira Idade, também já dou os bailes também, quer dizer passei de... como se diz... é... de participar dos jogos, passei a ser líder e hoje pelo meu...é... eu fui escolhido para ser o

presidente da Terceira Idade também. (Trecho de entrevista realizada com o senhor Armando, 73 anos, representante dos Jogos de Salão, do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos)

Ao longo dos depoimentos percebemos a satisfação, a importância, a felicidade demonstrada pelos idosos por estarem fazendo parte de um grupo de convivência, em que eles tiveram a oportunidade de melhorar aspectos biológicos, psicológicos, sociais e ainda de poderem liderar algum tipo de atividade. A relação dessas pessoas nestes espaços mostram o encontro delas com elas mesmas e com os demais. Percebe-se que para além do contexto familiar, é possível viver de maneira mais saudável, construir a auto-estima, autovalorizar as capacidades julgadas perdidas em função do padrão econômico e social estabelecido pela sociedade capitalista em que vivemos.

Para SÁ (2006), o idoso anseia pela existência em sua plenitude. Logo, considerar aspectos do seu perfil real, resultante de uma sociedade excludente e injusta é reduzi-lo apenas à dimensão da vida ou da subsistência. Segundo a autora, devemos atentar para o perfil potencial do idoso e questionar que possibilidades de realização um homem que envelhece possui, pois na busca de respostas a esta indagação, nos deparamos com uma caixa de surpresas, extremamente agradáveis e que quebram, de imediato, mitos e preconceitos em relação à velhice e ao envelhecimento.

É importante considerarmos, que como os diferentes eventos da vida estão sempre envolvidos num processo contínuo de interação entre os sujeitos, é necessário pensarmos, falando em termos de um espaço de convivência, nas possibilidades de desenvolvimento de atividades que sejam significativas e estejam de acordo com os desejos de educadores e educandos desse espaço.

As falas dos idosos e demais participantes dos programas em que estive presente demonstram os efeitos das práticas realizadas em acordo com as suas

necessidades e desejos. Sejam estas relacionadas à transformação de atividades para estarem a serviço dos alunos, de modo que elas se adaptem a eles, seja a oportunidade de os idosos se sentirem livres e independentes para mostrar que são capazes e possuidores de potenciais para realizar as mais variadas atividades.

Ações que geram oportunidades de atuação, propiciam a abertura de uma nova visão sobre nós mesmos, sobre o outro e o mundo, favorecendo a apropriação da própria existência.

"Interesse deles, (senhor Armando referindo-se ao surgimento de alguns jogos de salão no Programa de Atendimento ao Idoso, em função dos desejos dos idosos) com certeza. Eles tem um cantinho pra virem aqui se divertir, á tarde em vez de ficar em casa, assistindo televisão ou dormindo. Já descobriram esse espaço. Então eles vem pra cá, ficam alegres, brincam uns com os outros, formam um grupo de amizade, é uma integração entre as pessoas, isso é o importante". (Trecho de entrevista realizada com o senhor Armando, representante dos jogos de salão do Programa de Atendimento ao Idoso, em Valinhos)

Um outro depoimento que denota o surgimento de uma nova visão acerca de si mesmo, do outro e do mundo, e da apropriação da própria existência, é o de da senhora Idelina, do Programa Saúde Toda Vida, da Unimed Campinas:

"Até na saúde melhorou. Na maneira de receber as pessoas; com meus familiares, foi muito bom. Na saúde em geral, foi muito bom. É... de receber as pessoas, você sabe que as vezes a gente tem um problema dentro de casa, isso é comum. Então eu tenho assim uma convivência melhor com meus filhos, meus netos...Gosto muito de rir, gosto muito de conversar, gosto de dançar, então eu acho que foi bom. (...) Eu tinha medo, eu tinha vergonha, eu não tomava o ônibus, porque a gente é pobre e tem que andar de ônibus. Então eu morria de medo de tomar o ônibus. E agora não, agora vou em qualquer lugar, vou no médico, vou no banco, vou falar com advogado porque precisa, porque ás vezes a gente tem alguma causa, vou sozinha, não tem problema. Já fui pra São Paulo, pra Santos sozinha, você vê que maravilha"! (Trecho de entrevista realizada com a senhora Idelina do Programa Saúde Toda Vida)

A seguir, a senhora Albina do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, falando dos benefícios percebidos ao freqüentar a instituição.

Olha sempre tem benefício. Você tem com quem conversar, a gente ri muito, a gente se diverte. A gente não fica em casa pensando em doença. Então você vem, se diverte e faz exercício". (Trecho de entrevista realizada com a senhora Albina do Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos)

Segundo OKUMA (1998) não se pode esquecer que, embora o existir seja originalmente ser-com-o-outro, o compartilhar humano nem sempre é vivenciado de fato. A qualidade do envolvimento presente na convivência é o elemento que dará qualidade ao existir do idoso.

Para a autora, o que possibilita estar com o outro é, antes de tudo, estar consigo, ou seja, é ter consciência de si. A partir das vivências das diversas situações que conhece no mundo, o homem vai atualizando suas potencialidades e vai se autoconhecendo. Esse autoconhecimento, por sua vez, se dá em relação a algo ou a alguém, visto sua característica básica de ser-com. Quanto mais se conhece, mais consciência se tem de si, maiores as possibilidades de visualizar as situações que se vivenciam no mundo. O crescimento individual depende do encontro com os demais, ou seja, a compreensão de si fundamenta-se no reconhecimento da coexistência e, ao mesmo tempo, constitui-se como ponto de partida para a compreensão do outro.

"Sabe o que acontece, eu era assim muito chorona, muito assim, dependente, eu não era uma mulher de sair, tomar um ônibus; não sabia ir à cidade comprar uma roupa, eu era muito dependente, bem doente também. Então eu comecei a participar, gostei e to até hoje. (...) São vários fatores... Mas acho que um pouco saúde, e, também assim, independência que eu precisava, precisava conversar com mais pessoas, com mais gente". (Trecho de entrevista realizada com a senhora Idelina, 76 anos, do Programa Saúde Toda Vida promovido pela Unimed)

Percebemos nos depoimentos e relatos, que alguns idosos, queixavam-se de depressão, de falta de independência, de doenças antes de freqüentarem os grupos de convivência. A freqüência nestes espaços, o contato com os seus pares e a participação nas atividades, aparecem como um instrumento de compreensão de suas potencialidades e superação de valores impostos pela ideologia dominante. Porém, segundo PACHECO (2005), esta ideologia não consegue abafar a capacidade criadora, a capacidade de resistir e a possibilidade de transformação ontocriativa do ser humano.

## Segundo o autor,

"A tomada de consciência de si próprio, como sujeito socialmente produzido, a partir da memorização de sua caminhada de vida, possibilita sua reconstrução como sujeito, dono de sua história, na temporalidade, no rompimento das conservas culturais que abafam sua capacidade criadora, na ativação de sua capacidade ontocriativa de transformar enquanto se transforma e no engendramento de práticas cotidianas de resistência às ideologias que o dominam". (PACHECO, 2005, p.35)

## **Conclusão**

Os estudos e os fatos demonstram que o crescente prolongamento da vida está presente na atualidade, e o desafio da Gerontologia é buscar alternativas para que o segmento idoso possa viver com mais qualidade de vida, pois o aumento do número de velhos configura-se como uma mudança social significativa. Nesse sentido, envelhecer bem, depende das oportunidades que o indivíduo teve para usufruir o direito à educação, à saúde, ao lazer, ao trabalho, ao longo de sua vida, e não só no processo de envelhecimento.

Através da pesquisa realizada nas duas instituições, pude observar que estas promovem, sobretudo a socialização, a solidariedade, visam o desenvolvimento dos freqüentadores, e preocupam-se com a mudança social.

Um outro aspecto observado, é que a modalidade educacional presente nas instituições pesquisadas, relaciona-se com a Educação Não-Formal. Percebi que as atividades desenvolvidas em ambas as instituições, buscam considerar e reavivar a cultura dos indivíduos nelas envolvidos, respeitando a bagagem cultural de cada um no decorrer de todos os trabalhos realizados.

O Programa de Atendimento ao Idoso em Valinhos, instituição pública, tem cerca de 1000 idosos freqüentando as diferentes atividades oferecidas, e a rotatividade deles neste espaço de convivência, gira em torno de 2000 mil pessoas por mês. As onze atividades semanais, oferecidas pelo programa conta com os serviços de duas assistentes sociais, de uma fisioterapeuta, de três educadores físicos, de uma professora do projeto de alfabetização, denominado Educação Legal, uma professora de canto, de professoras de artesanato, de agentes administrativos, de uma psicóloga e

de auxiliares de serviços gerais. Todos estes profissionais são pagos pela prefeitura do município de Valinhos. Não percebi a presença de voluntários no trabalho desenvolvido por esta instituição.

Em algumas atividades desenvolvidas no programa, percebi a explicitação de princípios de autogestão, como por exemplo, a atividade Quadrado de Amor, que é uma iniciativa das próprias idosas, criada há dez anos atrás, visando a confecção de colchas de crochê, que são doadas à pessoas ou instituições carentes na época do inverno, de acordo com a escolha das senhoras. Uma outra atividade desenvolvida pelo programa e que denota princípios de autogestão, é o projeto Educação Legal, um projeto nascido a partir da solicitação dos idosos, de acordo às suas necessidades de leitura e escrita. O artesanato também é outra atividade que configura-se dentro de uma iniciativa baseada na autogestão. Ao trabalhar com produções sugeridas também pelas idosas e que favorecem a geração de renda, possibilita aos sujeitos envolvidos na atividade, o desenvolvimento do sentimento de autovalorização, pois aprendem a fazer algo e podem gerar uma renda, oportunidade que lhes fora roubada e negada pela sociedade moderna. Também favorece a elevação da auto-estima, a formação de vínculos com o grupo, pois nesse momento não está em jogo só a ação manual, mas o próprio encontro com o outro, a interação, a troca de saberes e experiências, enfim, possibilidades de interferir na realidade provocando transformações.

O Programa Saúde Toda Vida, uma iniciativa da Unimed Campinas, instituição de caráter privado, conta com o trabalho de duas assistentes sociais contratadas pela Unimed, uma estagiária, um professor de ginástica e dança, e alguns funcionários da medicina preventiva que ministram o curso de síndromes metabólicas. A instituição também conta com a colaboração de alguns voluntários nas atividades de artesanato,

de teatro, no coral, nas palestras, e em algumas apresentações musicais e de danças, feitas por ONG's.

Mensalmente, cerca de 300 idosos freqüentam as diferentes atividades oferecidas pelo programa, sendo estas, nove, ao longo da semana.

Ao procurar atender as demandas e necessidades dos idosos, o Programa Saúde Toda Vida, busca também o desenvolvimento de talentos incentivando seus freqüentadores a participarem das várias atividades ou oficinas que oferecem. Uma das atividades realizadas no programa, a Tarde de Talentos possibilita ao idoso desenvolver e apresentar seus talentos, favorece a elevação da auto-estima e o desenvolvimento do sentimento de autovalorização. Porém, alguns esforços ainda precisam ser empreendidos para que as atividades possam se concretizar com características de autogestão.

Quanto à ação voluntária presente em algumas atividades da instituição, entendo que não é nosso papel julgar e atribuir juízo de valor, censurando os sujeitos que desempenham essa ação, conforme bem elucidam as autoras PARK, FERNANDES, BORBA, FRANCO, MADI e SOUZA (2006). Porém, é importante desenvolver uma visão mais reflexiva sobre o voluntariado. É importante atentarmos para o fato de que, mesmo havendo benefícios para os sujeitos que participam da ação voluntária, como a troca de saberes e experiências, a convivência em grupo, o conhecimento de oportunidades sociais de atuação, e inclusive a diminuição de casos de depressão, isolamento social, e favorecimento da independência e da autonomia nos sujeitos envolvidos com esse tipo de trabalho, é preciso pensarmos o papel do incentivo ao voluntariado por parte de empresas ou instituições, e que interpretações a natureza de tais práticas podem suscitar.

Indagações relacionadas à qualidade do trabalho que é oferecido a esta população portadora de necessidades específicas, à quem orienta o trabalho dos sujeitos envolvidos na ação voluntária, acabam surgindo dentro dos estudos que se propõem a pesquisar as iniciativas existentes e que papel estas exercem na constituição de uma velhice com mais qualidade.

Embora os programas pesquisados busquem propiciar o bem estar subjetivo dos sujeitos e o desenvolvimento da autonomia, fazendo com que estes tenham condições de atuar e assumir funções nestes espaços de convivência, penso que ainda é preciso incentivar e fortalecer a prática da participação, valendo-se das experiências dos idosos no processo de construção dessa autonomia, encarando-os como agentes conscientes das transformações que uma sociedade, que respeita todas as diferenças, necessita e valoriza.

Para que este processo de cidadania se constitua, é necessária a formação de pessoas preocupadas com o bem comum, dispostas a penetrar na realidade histórica de forma dialética para compreender a dinâmica do mundo que nos circunda.

Como cidadãos conscientes do nosso papel na sociedade em que vivemos, entendo ser de fundamental importância buscarmos subsídios teóricos e práticos que contribuam para a concretização de ações que possibilitem a participação dos sujeitos na conquista de reivindicações que possam atender suas necessidades, que possam realmente se constituir em ganhos no seu cotidiano. Eis aqui, mais um dos desafios da Gerontologia.

"A compreensão do mundo é um produto social construído entre pessoas afetadas pela historicidade e pela sociabilidade. Portanto, não há aquela palavra, conceito ou idéia enunciada que esteja livre de ideologia, de vivência e da presentificação da atualidade do contexto histórico e cultural de sua enunciação". (Gusmão,2003, p.33).

## Referências bibliográficas

AFONSO, Almerindo J. Introdução. In : Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von. Park, Margareth Brandini, Fernandes, Renata Sieiro. (orgs) Educação não – formal: cenários da criação. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ centro de memória, 2001. p. 9.

BARBOSA, Irene Maria. A importância da observação participante e do Diário de Campo para a Pesquisa. In: Relatório ao CNPq – Projeto Bairros Negros. Centro de Memória/UNICAMP. 1999.

BORGES, Maria Cláudia Moura. Gestão participativa em organizações de idosos. Campinas, SP: [s.n.], 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

CACHIONE, Meire. Quem educa os idosos?: um estudo sobre professores de universidades da Terceira Idade – Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

CENDES, Iscia Lopes. Fatores genéticos e envelhecimento. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 53 – 60.

CORTELLA, M. S. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. 8ª edição. São Paulo: Cortez: Instituto paulo freire, 2004. (Coleção prospectiva; 5)

CORTELLA, M. S. A contribuição da Educação não-formal para a construção da cidadania. In: SIMSON, Olga R. M., PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S., CORTELLA, Mario Sérgio, AMARAL, Rita, SALLES, Ecio de., SOARES, Sebastião e BRANDÃO, Carlos Rodrigues (textos); ilustrações de SANDOVAL, Andrés e ZANETTI, Mariana. *Visões singulares, conversas plurais*. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 43 – 49.

DEPS, Vera Lúcia. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas, SP: Papirus, 1993. p. 57 – 82.

FIGUEIREDO, Gláucia Maria. Identidade e pertencimento. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). *Palavras – chave em educação não – formal*. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 169 – 170.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROPPO, Luís Antônio. Autogestão. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). *Palavras – chave em educação não – formal*. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 71 – 72.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e Velhice: pesquisa de idéias/Neusa Maria Mendes de Gusmão (org.). Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

JUNIOR, Roosevelt Leão. Atividade física. In: NERI, Anita Liberalesso. Palavras – chave em gerontologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005. p. 16 – 19.

LIBÂNIO, J. C. pedagogia e pedagogos, para quê? – 7º ed. – São Paulo, Cortez, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: Costa, Marisa Vorraber (organizadora). Escola básica na virada do século: cultura, política e educação. 2. Ed. São paulo: Cortez, 2000. P.119 – 129.

MINUZZO, Teca. Corpo sociocultural. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 99 - 100

NERI, Anita Liberalesso (org.). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso. Palavras – chave em gerontologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

NERI, Anita Liberalesso (org.). Qualidade de vida e idade madura. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. Terceira idade. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p.273 – 274.

OKUMA, Silene Sumire. O idoso e a atividade física. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PACHECO, Jaime Lisandro (2005) Elos refeitos: aposentados contam e refazem suas trajetórias de vida. Campinas (SP) UNICAMP; Holambra (SP), Editora Setembro.

PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007.

PARK, Margareth B. et al. Voluntariado, categoria trabalhista? Reflexões e provocações. Revista de Ciências da Educação, ano 8, nº 15, 2º semestre /2006. p. 93 – 130.

PINHEIRO, José Elias Soares e FREITAS, Elizabete Viana de. Promoção da saúde. In: PY, Ligia, PACHECO, Jaime Lisandro, SÁ, Jeanete Liasch Martins e GOLDMAN, Sara Nigri (orgs). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. 2. Edição. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.p. 219 – 240.

PY, Ligia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Ligia, PACHECO, Jaime Lisandro, SÁ, Jeanete Liasch Martins e GOLDMAN, Sara Nigri (orgs). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. 2. Edição. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.p.97 – 120.

SÁ, Jeanete Liasch Martins de. Educação o e envelhecimento. In: PY, Ligia, PACHECO, Jaime Lisandro, SÁ, Jeanete Liasch Martins e GOLDMAN, Sara Nigri (orgs). Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais. 2. Edição. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.p. 293 – 318.

SALGADO, M. A. Velhice, uma nova questão social. São Paulo: SESC – CETI, 1980.

SILVA, Carla Regina. Oficinas. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 213 – 214.

SIMSON, Olga R. M. e GIGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 141 – 160.

SIMSON, Olga R. M., PARK, Margareth B. e FERNANDES, Renata S. (orgs). Educação não – formal – Cenários da criação. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de memória, 2001.

SIMSON, Olga R. M., PARK, Margareth B. e FERNANDES, Renata S. A Educação não-formal: um conceito em movimento. In: SIMSON, Olga R. M., PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S., CORTELLA, Mario Sérgio, AMARAL, Rita, SALLES, Ecio de., SOARES, Sebastião e BRANDÃO, Carlos Rodrigues (textos); ilustrações de SANDOVAL, Andrés e ZANETTI, Mariana. Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 13 – 41.

SIMSON, Olga R. M. Sentimento de pertencimento. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 261 – 262.

SIMSON, Olga R. M. (prefácio), GOHN, Maria da Glória (texto), FERNANDES, Renata S. (dados quantitativos); ilustrações de SANDOVAL, Andrés e ZANETTI, Mariana. Não – fronteiras: universos da educação não – formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

SIMSON, Olga R. M., PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S., CORTELLA, Mario Sérgio, AMARAL, Rita, SALLES, Ecio de., SOARES, Sebastião e BRANDÃO, Carlos Rodrigues (textos); ilustrações de SANDOVAL, Andrés e ZANETTI, Mariana. Visões singulares, conversas plurais. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de e MOI, Regiane Cristina. Estimulando a memória em instituições de longa permanência. In: SIMSON, Olga R. M., NERI, Anita Liberalesso

e CACHIONE, Meire. (orgs ). As Múltiplas faces da velhice no brasil. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p. 165 – 186.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes e BIASOLI, Desiree Albuquerque. Coletivos educadores. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. (orgs). Palavras – chave em educação não – formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 89 – 90 .